





Nilto Maciel

A ROSA GÓTICA  
ROMANCE

Meu coração tem catedrais imensas,  
Templos de priscas e longínquas datas...

*Augusto dos Anjos*





A ROSA GÓTICA  
ROMANCE

PRÊMIO CRUZ E SOUSA DE LITERATURA 1996



## CAPÍTULOS

I	–	Um achado valioso, 7
II	–	Reencontro, 11
III	–	Outros manuscritos, 16
IV	–	Lida insana, 18
V	–	Visitas inesperadas, 20
VI	–	Tempos de criança, 23
VII	–	Genealogias, 26
VIII	–	<i>Lupus et agnus</i> , 28
IX	–	Menino borralheiro, 30
X	–	Pedras e raios, 32
XI	–	As duas mortes de Victor Hugo, 34
XII	–	Trama neuronal, 38
XIII	–	Transformações, 40
XIV	–	Partida, 42
XV	–	Contos de carochinha, 45
XVI	–	Professor de francês, 48
XVII	–	O baú, 51
XVIII	–	Castelos e dragões, 54
XIX	–	O provençal Léonce, 56
XX	–	Demandas, 59
XXI	–	Novas cartas francesas, 62
XXII	–	<i>Vous m'entendez?</i> , 65
XXIII	–	Livros e livros, 67
XXIV	–	Num labirinto, 70
XXV	–	Línguas, visigodos, noras, 73
XXVI	–	Vôo para Gótiá, 76
XXVII	–	Inventor de simpósios, 79
XXVIII	–	Os inimigos de Richelieu, 81
XXIX	–	Coqueiros loucos, 84
XXX	–	Dança de pétalas, 87
XXXI	–	Personagens de romances, 89
XXXII	–	Palma gótica, 92
XXXIII	–	Projetos literários, 95



## I – UM VALIOSO ACHADO

A primeira notícia do livro de Lamartine me deixou em dúvidas. Aquele seria mesmo meu primo? O jornal dava poucas informações do autor. Chamava-o de “pesquisador abnegado”, “bibliófilo de fama internacional”, “tradutor idôneo”.

Nunca fui de ler muitos livros. Quando estudante li um pouco de cada escritor, nos próprios livros de português. Quase todos lusitanos. Sabia de cor sonetos de Antero de Quental e Camões. Mais tarde, já casado, os filhos na escola, apareceu-me um vendedor de coleções. Alzira aceitou a lábia do rapaz e me convenceu a comprar as obras completas de Monteiro Lobato e uma coleção de contos de fadas. No meio da conversa apareceu um dicionário da língua portuguesa e uma enciclopédia em vinte volumes. Uma fortuna! Não lembro de alguma vez ter lido Lobato e as fadas. As crianças devem ter lido. Ou rasgado. Não lembro também quando vi esses livros pela última vez. Porém o dicionário e a enciclopédia permaneceram, por muitos anos, na caixa em que vieram. Um dia, estando já rapazes e moças meus filhos, lembrei-me da caixa. E daí em diante nunca mais deixei de consultar os vinte e um volumes. Falavam-me uma palavra desconhecida ou um nome famoso, e lá corria eu aos livros. Aos poucos isso se tornou rotineiro. Até se fazer mania. De uns anos para cá inventei um passatempo. Pegava o jornal de domingo, lia as notícias e me apressava a ver a seção “Aconteceu há 50 anos”. Aos poucos me fiz quase sábio de tudo. Meu método



consistia no seguinte: procurava na enciclopédia o nome do personagem relacionado ao fato histórico. O verbete sempre traz referências a outros personagens, a cidades, a fatos, etc. E vou eu de verbete em verbete, até esgotar o assunto. Cheguei a anotar num caderno alguns desses assuntos. Lembro-me bem de um deles, porque ainda guardo o caderno e vez por outra o releio.

Era julho de 1988. O jornal lembrava os cinquenta anos da morte de Lampião, o rei do cangaço. Fui ao verbete Lampião, daí a Virgulino, Maria Bonita, cangaceiro, punhal, fuzil, volante, coiteiro, etc. Ia de um a outro e tudo anotava. E assim me fiz quase mestre no assunto.

Cada pesquisa levava uma semana. O suficiente para ler o jornal do dominho seguinte e partir para nova maratona de estudos.

Como disse, só leio o jornal de domingo. E não o leio todo. Interessam-me somente as notícias. Não gosto de opiniões, comentários, crônicas, artigos. Nem de cadernos especiais, como o de televisão e cultura. Por isso nem sei como cheguei à notícia do livro de Lamartine. Talvez por acaso. Eram dez linhas espremidas entre uma peça de teatro e um filme qualquer.

Ainda hoje acho esquisito como e por quê nos reencontramos meio século depois da partida de Lamartine. Durante os primeiros meses pensava nele sempre. Depois não pensava mais nele. A não ser quando algum parente o lembrava. Porém logo o esquecia. Às vezes não recordava nem suas feições. Os anos se passavam e era como se ele nunca tivesse existido.

Durante todo aquele domingo não tirei os olhos do jornal. Ia e vinha, relia a notícia. Cheguei a decorá-la. Depois me aborrecia. Aquele sujeito não podia ser meu primo. O livro não significava nada. Ninguém o lia. Uma história desinteressante. Nos dias seguintes quase ia esquecendo de vez o jornal, o livro e o primo. Joguei fora quase todo o jornal. Guardei numa gaveta a página onde escreveram sobre livros.

Na terceira noite acordei para ir ao sanitário. E lembrei do jornal. Melhor retirá-lo da gaveta e levá-lo ao lixo. Só servia para sujar o móvel e atrair insetos. Abri a gaveta,



apanhei a folha, fui ao sofá. Em um minuto reli a notícia. Uma hora depois continuava sentado, a relembrar nossas vidas de meninos e adolescentes. Voltei à cama, pensei mais em mim e em Lamartine, em nossas brincadeiras e brigas de sessenta anos atrás. Não sei se dormi logo, se pensei mais, se sonhei. Talvez tenha sido sonho um banho no rio, umas risadas, um frio repentino, um choro ligeiro.

Anotei num pedaço de papel o título do livro e fui a uma livraria. O balconista leu e releu as letrinhas no papel. Andou por toda a loja, demorou uma vida. Não, não existia aquele livro. Confundira-se. Havia visto um romance de Guimarães Rosa. Desculpasse.

Noutra livraria tratei de dizer o nome de meu primo. Trouxeram-me *A queda de um anjo*. Zanguei-me. Mostrei a total diferença entre um título e outro. Nervoso, o rapaz apontava para o nome Lamartine na capa.

Cansei de procurar o livro. Não cansei mais porque ia anotando os nomes das livrarias e logo me disseram não haver outras na cidade. Não acreditei na informação. Uma cidade com mais de dois milhões de habitantes ter apenas uma dúzia de livrarias? Porém um simpático livreiro prometeu encontrar o livro. Levei-lhe a página do jornal, e um mês depois recebi o livro. À primeira vista me aborreci. Não, não se tratava do livro de meu primo. Outro escritor havia publicado obra do mesmo título. O livreiro jurou ser aquele o livro noticiado no jornal. Pedi-lhe de volta a página do jornal. Infelizmente não podia devolvê-la. A editora a que enviara o jornal ficava em São Paulo. E, nervoso, folheava o livro. O editor havia sido muito amável. Dizia-se feliz, orgulhoso. Nenhum outro editor teve coragem de editar aquela raridade. Súbito o livreiro fechou o volume, sorriu e perguntou novamente qual o nome de meu primo. Sorriu mais e pôs-se a ler: “Pouco se sabe sobre Charles d’Avignon. Teria vivido no século XIII, nascido em Avignon, França, daí o nome com que ficou conhecido, na época.” Fez uma pausa, como se quisesse ler apenas o essencial para o momento, e continuou: “*O romance da rosa gótica* foi escrito entre 1245 e 1249. Escrito em língua d’oc, é composto de 4.519 versos alexandrinos.” Fez outra pausa e, sorrindo, me advertiu: “Agora ouça a informação que o senhor tanto esperava ouvir:



Trata-se do mais valioso achado literário ocorrido neste século. O pesquisador cearense Lamartine Coqueiro...” Olhou com seriedade para meus olhos, fungou, como se tomado de grande emoção, e voltou a ler: “Este monumento literário medieval é-nos revelado agora, em magnífica e fiel tradução portuguesa, por este respeitado estudioso das línguas românicas. Ao leitor comum, ao estudante, ao cultor da boa literatura antiga são essenciais as notas ao pé das páginas, bem como o alentado estudo introdutório, também da lavra de Lamartine Coqueiro.”

Finda a leitura, gargalhou, e pareceu-me querer me abraçar.



## II – REENCONTRO

Tarefa difícil descobrir onde morava Lamartine. Seu nome não constava na lista telefônica. No jornal onde noticiaram o livro ninguém sabia do tal “pesquisador abnegado”. Vi até uns risos de deboche em algumas bocas. Talvez dissessem: quem aqui vai se lembrar de um velho catador de velharias? Porém mais uma vez o bom livreiro Ivan me socorreu. Sim, o editor paulista forneceria o endereço de seu protegido escritor. Ainda mais para reaproximá-lo de um primo.

De posse do endereço, corri à procura de Lamartine. E fui prevenido. Enchi a bolsa de bombons, certo de encontrá-lo rodeado de netos. Não esqueci também de levar o exemplar do livro vindo de São Paulo. Sem ele não haveria como iniciar conversa. Imaginei diversos modos de me apresentar: sou seu leitor e vim lhe pedir um autógrafo. Não, ele não gostaria da brincadeira, ou da mentira.

E não sei mais como foram os primeiros momentos de nosso reencontro. Lamartine vestia pijama, alisava constantemente a barba branca e falava sem parar. Fui de paletó e gravata, perfumado, escanhado.

Nessa primeira visita falou-me quase sempre do livro, das pesquisas, da espinhosa tradução. Pouco disse de si mesmo, quer do presente, quer do passado. E não saímos da sala, onde uma estante repleta de livros tomava toda a parede. Curioso, fui até ela. Que livros seriam aqueles? Confiou-me o óbvio: dicionários e gramáticas. De diversas



línguas: francês, galego, grego, latim, provençal, etc. Sentime diminuído. Ora, diante de mim poderia estar um poliglota da maior importância. E eu mal sabia português.

Quase emudecido, lembrei-me de Lampião. Por que não falar de cangaço? Na noite anterior havia relido meu caderno. E ele, certamente, não sabia nada daquele assunto.

Andava eu metido em mim mesmo, a preparar o bote, pronto a dar aula de cangaceirismo, quando Lamartine me acordou: toda a casa eram livros. Uma estante só de literatura de cordel: de Carlos Magno, passando por Lampião, até nossos dias.

Alguns de seus livros – e pela primeira vez falou de seu passado – haviam pertencido ao avô Carlos. Obras raras, quase todas em francês. Raras enquanto objeto – edições dos séculos XVII, XVIII e XIX – e enquanto arte. Bastava citar o *Roman de Jehan de Paris*, edição de 1789.

Sucederam-se minhas visitas a Lamartine. Convidei-o a me visitar também. Alegava mil desculpas: reumatismo, visão debilitada, falta de tempo. Talvez mentisse. Ou se julgasse muito importante. Que ganharia indo à casa de um velho primo semi-analfabeto? Magoado, jurei nunca mais procurá-lo. Ficasse com suas antiguidades, seus livros, suas histórias sem futuro. Afinal, era ele algum gênio? Ora, ninguém é gênio só por escrever um livro. E o tal romance gótico não fora escrito por ele. Traduzira-o tão-somente.

Porém o passado, ou o sangue, me arrastava sempre até Lamartine. Lembrava-me dele e, no desfiar dos pensamentos, alcançava o tempo da meninice. Entrelaçados, reapareciam todos os meus mortos: papai, mamãe, meus irmãos e primos, o próprio Lamartine, Alzira. Súbito desapareciam todos, e eu me via, olhos arregalados, sentado diante de mim mesmo, só, absolutamente só. Como ainda agora. Este sofá, os móveis, as paredes, o silêncio. Vem-me à boca o nome de Alzira. Como antigamente. Por qualquer motivo eu a chamava. Alzira, o arroz vai queimar. Alzira, olha o sol na estante. Alzira, vou tomar banho. Não posso, no entanto, chamá-la mais. Meus filhos, quando me visitam, puxam-me as orelhas. Não posso e não devo estar só. Por que não ir morar com um deles? Velho precisa de companhia. Velho é a vovozinha, aquela do Chapeuzinho Vermelho. Então



quer morrer só? Ora, todos morremos sós. A morte é individual, pessoal. Ninguém morre por ninguém.

Tenho tido insônia. Quase sempre em razão dos pensamentos. Ou da memória. Permaneço horas seguidas a rebuscar o passado. Quero me municiar dele para enfrentar Lamartine. Porém nem sei se ele terá interesse em falar de nossas infâncias, de nossos pais e avós, da Palma de antigamente.

Da última vez em que estivemos juntos perguntei-lhe se havia alguma *História de Palma*. Há, e é um livro volumoso e de muitos méritos. Folheou-o, comentou-o. Falou-me também de um romancista palmense. Não lembro o nome dele agora. “É um retratista. Quem quiser conhecer Palma deverá ler os seus livros.” E me trouxe cinco ou seis volumes. Como não leio quase nada, mal abri os tais romances. Ao acaso li dois ou três parágrafos de cada um.

“Desciam a Avenida Dom Bosco ao toque de hinos cívicos. Ao passarem diante dos Salesianos, os sinos repicaram solenes e outras senhoras e senhoritas deixaram as janelas e se foram juntar aos que marchavam, véus à cabeça, terços e missais à mão, louvando Jesus, Maria e José.”

Lembro-me das procissões intermináveis e cansativas. Eu e outros meninos carregávamos pesados turbulos, matracas e outros instrumentos hoje em desuso. Todos cantavam ou rezavam. O padre comandava a cidade inteira. E nossos pés infantis terminavam cheios de calos e ferimentos.

“Além do bode e dos morcegos engaiolados, causava espanto o aspecto dos revolucionários.”

Nunca soube de qualquer revolução em Palma. Preciso falar disso com Lamartine. Talvez tenha ocorrido antes de nascermos, ao tempo de nossos avós. Ou de nossos bisavôs: Quem teria sido o pai de Carlos e Luis Coqueiro? Eis aí um assunto fascinante. Passaremos horas e horas a conversar.

Abri outro romance: “E tudo o espião investigou. Por um dia inteiro andou pela cidade. Da praça da Matriz ao Potiú, do Alto da Cadeia às Lajes. Visitou as igrejas, ajoelhou-se, rezou. Esteve diante do cemitério, da cadeia e da intendência. Na Rua do Comércio observou lojas e mercearias. Meteu-se pela Rua dos Sete Pecados, sujeito a convites e tentações.”



Lembro muito bem desses nomes. Como disse meu primo, esse romancista é um retratista. Sim, eu devia ler os seus livros. Para recordar Palma, redesenhá-la mentalmente. Suas poucas ruas, travessas, praças, igrejas, os rios. E os sítios, a serra. Tínhamos parentes por todas as redondezas. Uns mais pobres, outros remediados.

Talvez este assunto dos parentes, dos sítios, da serra seja mais proveitoso. Poderemos falar de tios e primos, de animais, de árvores, dos caminhos que ligavam Palma aos sítios. Pois ainda hoje me parecem de ontem, e não de mais de meio século, as pequenas viagens aos sítios de nossos parentes. Ainda sinto o cheiro do chão, do mato, das frutas, das flores. E ouço o canto dos pássaros, dos galos. E o berro dos bodes, o grunhido dos porcos, o cacarejo das galinhas.

Lamartine deverá se recordar do sítio Olho-d'Água, dos jesuítas. Orgulho de Palma.

De longe se avistava a construção, no alto da serra. A igreja e a Escola Apostólica. As propriedades dos padres. E o lendário Poço da Moça.

Nunca sequer vi esse poço. Porém todo rapaz se jactava de o conhecer, de ter nele tomado banho, mergulhado. Prova de coragem. Seria muito profundo e escuro. Coberto de vegetação, cercado de pedras. Perfeito risco de vida.

E por que “da moça”? Corriam histórias assombrosas. Jazia no fundo do poço uma moça encantada. Talvez sereia. Aparecia à superfície da água para encantar os homens. Atraía-os para suas águas geladas, a pedir socorro. E quase nenhum deles conseguia voltar à terra.

Provido dessas e de outras lembranças, preparo-me diariamente para visitar Lamartine. No entanto, diante dele esqueço tudo. Ou tenho receio de o melindrar. E não é mais tempo disso. Quero estar em paz com ele.

Sempre convido meus filhos a irem comigo à casa de meu primo. Nenhum deles conhece ainda o “tio” gênio. Prometeram levar-me. Discutimos. Ainda sabia andar. Prometeram, então, irmos juntos. Nunca foram. Lamartine morreu antes dessa visita coletiva.

Minha última visita a Lamartine se deu uma semana antes de sua morte. Lamentou-se mais uma vez de achaques. Aconselhei-o a procurar um médico. Riu. Pretendia viver ainda alguns anos.



No dia de sua morte acordei cedo. Um pressentimento me dizia estar ele precisando de companhia, de ajuda. Por dez minutos bati à sua porta, gritei-lhe o nome, acionei a sirena. Assustado, um vizinho abriu a porta e me censurou. Sem jeito, disse-lhe ser primo de Lamartine. Pedi-me desculpas pela reprimenda. Procurei o porteiro. O professor devia estar dormindo. Nunca acordava cedo e pouco saía de casa. Preocupado, sugeri chamarmos um chaveiro. Concordou. Se éramos primos, se Lamartine vivia só e doente, nada mais natural que abríamos a porta do apartamento. Para salvaguarda de minhas boas intenções, chamei Seu Prudêncio, o vizinho rabugento. E entramos os quatro: eu, ele, o chaveiro e o porteiro.

O corpo, já enrijecido, ocupava o centro da cama.



As cartas, quase mil, são sempre muito longas. Umas, em português, são assinadas por Lamartine. Todas cópias. Os originais devem estar em mãos dos destinatários. Outras, em diversas línguas, mas sobretudo em francês, vieram do exterior. Desconheço os signatários destas, por motivos óbvios. Sobretudo por não ser estudioso de coisa alguma. Porém, pela leitura das cartas escritas por meu primo e dirigidas às mesmas pessoas que do estrangeiro lhe escreveram, é fácil concluir serem estas professores, estudiosos e pesquisadores. Quase todos europeus.

Esses correspondentes de Lamartine chegam a 49. De alguns deles encontrei apenas uma carta. De outros, no entanto, há dezenas. Como Clément Toulet.

Sinto uma enorme frustração por não poder ler as cartas escritas em francês e outras línguas. No entanto, as cartas escritas por Lamartine dão uma idéia dos assuntos tratados naquelas. Numa ele agradece livros recebidos, noutras promete viajar a Paris. Aqui refuta uma opinião, ali faz um convite. Contudo, o assunto principal de toda a correspondência é o manuscrito do romance de Charles d'Avignon.

Concluídas estas anotações, pretendo me dedicar exclusivamente às cartas. Quero saber como Lamartine conheceu seus correspondentes. E se existem de fato. Pois chego a pensar serem todos eles fictícios. Vejam se não há motivos para estas desconfianças: Não encontrei os envelopes nos quais as cartas deveriam ter chegado às mãos de Lamartine. As assinaturas do mesmo signatário são sempre muito diferentes umas de outras. As de Simone Jabés parecem nascidas de diversos punhos. E que dizer das caligrafias em si? Eustache Bouin ora escreve letras redondas, ora letras angulosas.

Júlio César me prometeu um tradutor. Rapaz inteligente, percebeu logo aonde quero chegar. Os estilos das cartas dirão a verdade. Lamartine é um descobridor ou um impostor. E se tiver criado um estilo epistolar para cada um de seus "personagens"? Nesse caso – diz meu filho – estamos diante de um gênio.

Seja como for, preciso ler as cartas escritas pelos amigos de meu primo. Até mesmo para saber se ele sabia outras línguas.

Nem tudo há de ser mentira, impostura.



#### IV – LIDA INSANA

Frente a tantos livros, sinto-me como criança pobre num mercado de brinquedos. Não sei nem para onde olhar, a qual deles me dedicar primeiro.

Nunca estive próximo a tantos livros. Nunca visitei bibliotecas. Na casa de meus pais não havia livros. Nem sequer a Bíblia. Hoje é comum verem-se esses enormes livros de capa preta abertos sobre estantes. Faz parte da decoração do ambiente.

Meus livros sempre foram os da escola. Nunca li romances ou quaisquer obras literárias. Li, sim, capítulos, trechos, poemas esparsos. Porque inseridos nos chamados livros de língua portuguesa. Estudavam-se os períodos da História da Literatura: Era Medieval, Era Clássica, Cultismo, Arcadismo, Romantismo, etc. Para exemplificar cada um desses períodos, o livro trazia trechos de obras representativas. Começava em D. Dinis. Lembro de uns versos dele:

“Quer’eu en maneira de proença  
fazer agora un cantar d’amor,  
e querei muit’i loar mia senhor...”

Nada de Literatura Brasileira. Como se o Brasil ainda fosse colônia de Portugal. De D. Dinis passava-se a Gil Vicente, Sá de Miranda, Camões, Bernardim Ribeiro, Padre Bernardes, Padre Vieira, fulano, sicrano, Almeida Garret, Castilho, Herculano, Camilo, etc. Não se mencionavam os nomes de Alencar e Machado, embora houvesse logradouros com seus nomes.



Decorávamos muitos versos: “As armas e os barões assinalados/ que, da Ocidental praia lusitana,/ por mares nunca de antes navegados...”

Bocage aparecia-nos como um sujeito impudico. No entanto, sabíamos de cor muitos de seus sonetos: “Meu ser evaporei na lida insana...” Antero de Quental também memorizávamos: “Sonho que sou um cavaleiro andante...”

Eu não queria permanecer em Palma e muito menos seguir os passos de papai. Sonhava estudar, advocacia ou medicina. Papai concordou comigo. Sim, advocacia e política andavam de mãos dadas. “Você tem tino; pode chegar logo a deputado.” E sonhava: “Talvez a governador.”

Porém precisava dar o primeiro passo: fazer-me acadêmico (assim chamava-se naquele tempo estudante de curso superior). No entanto, surgiu-me a oportunidade de ingressar no serviço público.

Contou-me papai uma história curiosa: em visita a Palma, Raul Barbosa, candidato a governador, quis saber os nomes de seus principais correligionários na cidade. Alguém teria mencionado seu nome, e ele, num gesto audacioso, teria acrescentado: “pai de Lamartine Coqueiro, futuro advogado.” Dr. Raul teria demonstrado interesse de conhecer logo o “poeta francês”. Que o procurasse aos primeiros dias de seu mandato.

E assim enterrei o sonho de me fazer advogado. Ou talvez não tivesse aquele tino vislumbrado por papai. Se tino tive, esse terá sido para vãos mais rasteiros, como o de ler os jornais de domingo e me enfiar nas páginas da enciclopédia, à cata de uma erudição horizontal.

Enfiado em pequenas cidades, nada sabia de Elia Kazan e Hitchcock. Pouco sabia da Coréia, de Ho Chi Minh, de Mao Tsé-tung. Com alguns anos de atraso ouvi falar de Hemingway, Steinbeck, Henry Miller. Ao contrário de mim, Lamartine talvez até escrevesse cartas a Simone de Beauvoir, Françoise Sagan e uma infinidade de nomes famosos.

Os domingos chegavam, Alzira tomava conta de minha vida, nasciam nossos filhos. E eu esquecia cada vez mais os velhos sonhos de estudar, fazer-me advogado, talvez deputado.

Passados mais de vinte anos, o sonho se renovou: Alexandre conseguiu aprovação no vestibular para ingresso na Faculdade de Direito. E eu me senti recompensado.



## V – VISITAS INESPERADAS

Tenho sonhado muito. Sempre sonhei muito. Ou sempre me lembro dos sonhos. E gosto de recordá-los. Às vezes passo o dia todo envolvido na atmosfera do sonho da noite passada.

Ontem o sonho mais interessante me deixou pensativo o dia todo. Bateram à porta. De pijama, cheguei à sala. Uma voz desconhecida perguntou por Lamartine. “Quem deseja falar com ele?” Abri a porta. Um homem alto, elegante, de paletó e chapéu, apertou-me a mão. “Sou Clément Toulet.” Sentados no sofá, conversamos e rimos. E rimos mais quando eu disse ser Victor Hugo. “Então o senhor não é Lamartine?” Precisava tanto falar com ele. Trazia da França umas novidades. Uns livros raros. “Lamartine está morto.” Clément se assustou. E se fez zangado. Então vinha de tão longe para nada! Por que eu não lhe dera a notícia da morte? Um telegrama. Teria evitado a viagem, despesas, fadiga.

Como a porta estivesse aberta, outro homem se apresentou. “Sou amigo de Lamartine. Vim ver o manuscrito provençal. Meu nome é Eustache Bouin.” Parecia policial em casa de bandido. Não pediu licença, não esperou ser conduzido ao interior do apartamento, e foi caminhando em direção aos demais cômodos. Também não cumprimentou seu compatriota. Atordoado, segui-o. Num dos quartos ergueu o colchão da cama. “Aqui só há pulgas.” Chegados ao outro aposento, encontramos um homem deitado numa cama e coberto da cabeça aos pés por um lençol. O francês riu:



“Acorda, Lamartine. Venha me mostrar o manuscrito.” Meu primo levou as mãos ao rosto e sentou-se à beira da cama. Embora eu o soubesse morto, não estranhei seus movimentos. E me retirei do quarto. A caminho da sala, encontrei u’a mulher. Beijou-me o rosto. “Sou Simone Jabés.” Alta, loura, olhos azuis, aparentando 40 anos, falava sem parar e em tom quase exasperante. “Sou amiga de Lamartine, porém estou aqui para conhecer Victor Hugo.” Nesse momento meu primo se pôs a gritar: “Ladrão! Ele é um ladrão. Não se aproxime dele. Será capaz de roubar o ouro dos seus cabelos.” Apavorado, corri para a sala. “Ele roubou meus livros. Todos os meus livros. Veja como a casa dele está cheia de livros. Há pouco só dispunha de uma enciclopédia.” E onde se enfiara Clément? Talvez pudesse me socorrer. Lamartine e Simone permaneciam gritando à porta de um dos quartos.

Sentado no sofá, esperava o fim da gritaria. E então apareceu à porta outro homem. “Fique sossegado, Victor Hugo. Todos sabemos da verdade. Seu primo está louco. Precisamos interná-lo num manicômio.” Ergui-me. “Quem é o senhor?” “Você não me conhece. Sou Gérard Jaulin. Tenho provas da sandice de Lamartine. Inventou essa história do manuscrito provençal e está causando enormes danos à História da Literatura.”

Atento ao novo visitante, não percebi a aproximação de Lamartine, Simone, Clément e Eustache. E todos passaram a falar ao mesmo tempo. Eu não conseguia entender nada. Pareciam falar francês. Discutiam, certamente. “– Vous avez tort. – Et avec cela? – Qui êtes-vous? – De quoi parles-tu? – Oh! qu’il est lâche! – Ah! çà, que veut-elle? – Que dites-vous? – Mon Dieu! – Hélas! – Chut! – Ouf!”

Pensei fugir e cheguei a me dirigir à porta. Quase dei um esbarrão noutra desconhecido. “Olá, meus amigos. Que confusão é essa?” Os outros subitamente se calaram. “Entre, Vitrac. Seja bem-vindo” – disse Lamartine. “Quero paz. Nada de brigas, discussões.”

A seguir chegou Alzira. Beijamo-nos e ela me pegou pelo braço. “Vamos sair logo. Isso vai terminar mal.”

E saímos pé ante pé.

O sonho terminou assim.



Acordei e já era manhã. Permaneci deitado por mais uma hora. Primeiro me pus a pensar em Alzira. E fui reconstituindo o sonho, do final para o começo. A segunda reconstituição eu a fiz do começo para o final. No decorrer do dia ative-me ora a um ora a outro trecho do sonho. Demorei-me mais naquele da discussão em francês. Tudo fiz para me lembrar das palavras gritadas pelos visitantes e por meu primo. Corri atrás de papel e lápis. Anotei algumas palavras. Mais tarde fui ao dicionário. Com muita dificuldade consegui a grafia correta. À noite lembrei-me de umas anotações feitas há quase um mês. Remexi as gavetas e encontrei um caderno onde havia copiado algumas frases em francês. E são as mesmas frases pronunciadas durante a discussão do sonho.



## VI – TEMPOS DE CRIANÇA

Nas memórias Lamartine relembra nossos tempos de infância. Digo “nossos” porque vivemos o mesmo tempo no mesmo lugar. Se disser “seus tempos” serei mais preciso. Porque eu e outros meninos somos figuras menores em seu relato. Ele é sempre o protagonista de todos os atos, das brincadeiras, das brigas, dos jogos. E não só protagonista, mas o vencedor, o melhor, o herói.

Sou talvez o mais desprezível dos meninos de Palma. Meu nome é citado meia dúzia de vezes, enquanto outros de menor importância aparecem muito mais. Sou sempre o covarde nas brigas, o traquinas na sala de aula, o perdedor nos jogos e nas brincadeiras.

Outro nome sempre desprezado por Lamartine é o de seu irmão gêmeo Victor Hugo. Remendo a frase, porque meu nome é também Victor Hugo. Logo, não poderia ter escrito “outro nome” e sim “outro menino”. Para não emporcalhar o comentário.

O gêmeo é pintado com as cores mais aberrantes. É um retrato quase monstruoso. Victor é malvado, traiçoeiro, perigoso, sem deixar de ser idiota. No entanto, nada disso é verdadeiro. Pois meu homônimo demonstrava sempre muita inteligência e bondade. Nunca o vi ferir ou matar animais. E todos nós costumávamos abater passarinhos a tiros de baladeira. E também sapos, lagartixas, pintos, sem falar em bichinhos menores, como formigas e grilos. Divertíamos-nos torturando até a morte estes e outros animais.



Lamartine não conta estas traquinagens. Não se alonga em narrações naturalistas. Simplesmente acusa: fulano esfolou o sapo. E ele é sempre o observador omissivo ou impotente. “Não pude fazer nada. Todos queriam aquilo. Menos eu.”

Não quero ser o acusador de Lamartine. Até porque não faz sentido acusá-lo disso e daquilo. Está morto, afinal. Além do mais, a memória pode deturpar os fatos. No entanto, Palma ressurgiu inteira, perfeita nas descrições. É como se ele a tivesse descrito ao tempo de nossa infância. Ou como se olhasse fotografias antigas e se pusesse a descrever casas, ruas, praças, igrejas, o coreto, o cruzeiro, as estátuas, tudo. Não há uma telha a mais. Não falta uma só pedra do calçamento.

Tanto me impressionou essa descrição meticulosa que não a esqueci e mais de uma vez voltei à sua leitura. Revia a Palma de nossa infância, e nela me revia. Entretanto, ao ler o romance de Charles d’Avignon, não pude deixar de ver em *Narbo Martius* uma reprodução cabal de Palma. Tudo nele relembra a cidade onde nasci. E isto só vem me fazer pensar na hipótese de ser o *Romance da Rosa Gótica* uma obra adulterada. Porém deixo para depois tal acusação. Preciso antes mandar traduzir as cartas recebidas por meu primo.

Volto à Palma dos cadernos.

A escola onde estudamos está pintada com perfeição. Exatamente como era naqueles tempos. E não só a arquitetura do prédio. As professoras, a diretora, os alunos, os livros de estudos, os cadernos, tudo é descrito minuciosamente.

Quando fui matriculado na escola, em 1933, já Lamartine cursava a 3ª série. Os primeiros dias foram terríveis para mim. Durante o recreio, sem amigos, quase não brincava. Ele e seus amigos olhavam para mim e riam. Sentia-me segregado, rejeitado. A professora tentava me ajudar. Fosse brincar, jogar bola. Dava-me vontade de chorar. Por que meu primo zombava de mim? Queixei-me disso para mamãe. Ela disse duas ou três palavras e voltou à sua lida. Nunca dispunha de tempo para mim. Restava-me, pois, decidir meu destino. E ele me surgiu em figura de bola. Recostado à parede, olhava os outros jogarem. Súbito a bola me acertou o peito e caiu aos meus pés. Agarrei-a e dei-lhe um chute



espetacular. O resultado não podia ser mais inesperado. A bola atingiu em cheio o rosto de Lamartine. Tonto, ele partiu no meu rumo. Ameaçador, anunciou vingança. Porém a professora chegou a tempo de evitar minha desgraça.

Meu primo não conta esse episódio. Porém fala desses meus primeiros tempos de escola. Chama-me de “priminho atoleimado”.

No dia seguinte não me faltaram convites para jogar bola. E durante cinco anos fui um dos principais jogadores da escola.



## VII – GENEALOGIAS

Meu avô paterno chamava-se Luis, que era irmão de Carlos, avô de Lamartine. Logo, Pedro, meu pai, e Ernesto, o pai de Lamartine, eram primos. Primos e amigos desde crianças. Entretanto, papai se fez comerciante, enquanto o outro se preparou para vestir batina.

Papai se casou com sua prima Margarida. Antes disso, porém, Ernesto havia abandonado o seminário e logo se unira a Laura. Do primeiro casamento resultaram treze filhos, sendo eu o primogênito. Do segundo resultou igual número. Laura, no entanto, partiu na frente. Do primeiro parto saíram dois – Lamartine e Victor Hugo.

Esta é a genealogia oficial. A dos batismos e crismas católicos.

Quando nasci, Margarida quis me chamar de Pedro. Achava lindo dizer Pedrinho. Seu marido, porém, não gostava dos nomes da Igreja. Na cidade todos se confundiam. Cem Josés, cem Luíses, cem Marias. Bastava! Seu culto primo lhe indicaria um nome diferente para o recém-nascido. Versado em francês e latim, quase padre, deveria conhecer mil nomes diferentes daqueles de todo dia. Em sua casa não faltavam livros. Alguns até em francês. Todos deixados pelo velho Carlos. E Ernesto forneceu uma lista de nomes de pronúncia esquisita: Alfred-Victor, Anatole, Charles, Diderot, Émile, François, Gustave, etc. Nenhum deles soou bem aos ouvidos mercadores de meu pai. E, às escondidas do primo afrancesado, batizou-me com o nome de um dos gêmeos.



Contavam ser dessa época o rompimento da amizade dos dois primos. Ernesto não teria gostado da dupla ofensa a ele feita por Pedro. Uma, ao recusar os nomes da lista; outra, ao dar a mim o mesmo nome de um de seus filhos.

Porém não teria sido este o motivo da inimizade. Um simples nome não destruiria uma amizade. Antes do nome vem, ou é, a coisa, o animal ou a pessoa. Antes de me darem um nome, já eu existia, quer recém-nascido, quer feto, quer desejo.

Há outra história anterior a esta dos nomes. A verdadeira causa do desfazimento da amizade dos primos. A história não-oficial da geração de Lamartine.

Segundo os autores dessa outra história, meu “primo” seria filho de Pedro, e não de Ernesto. Logo, seríamos irmãos. E há uma explicação para este romance. Pedro namorava Laura, antes de Ernesto deixar o seminário. Depois a trocou por Margarida. Desesperada, porque grávida, Laura entregou-se a Ernesto, recém-saído do seminário. E logo se casaram. Um ano depois deram-se as núpcias de Pedro e Margarida.

No entanto, Lamartine desconhece esta história. Não a registra nas memórias. E, para espanto meu, inventou terceira história. Uma lorota. Pois me nega minha mãe. Papai teria engravidado uma ex-criada de vovó. Mulher sem nome, uma qualquer. Como já fosse casado, teria arranjado jeito de simular uma gravidez da esposa, de convencê-la a criar o menino e de batizá-lo como filho legítimo.

Disso, porém, não tratamos nunca. Preferi ter Lamartine como irmão, embora o chamasse de primo.

Agora, lendo e relendo suas memórias, lembro de seu riso malvado, quando comigo conversava. Como se quisesse me chamar de filho adúlterino. E, lendo o romance, encontro nele aquelas pessoas da Palma de antigamente. Nossos avós e pais são retratos perfeitos daqueles colonos romanos. Ou o contrário, pois estes podem ser posteriores àqueles, se o livro tiver sido escrito por Lamartine.



## VIII – LUPUS ET AGNUS

Depois de ler nos cadernos de Lamartine a falsa história de como fui gerado, relembrei a angústia sentida durante muito tempo. Tinha oito ou nove anos quando ele me chamou de “filho de quenga”. Sendo mais novo e mais franzino do que ele, não reagi. Na ocasião, entendi ter Lamartine chamado de quenga minha mãe, a esposa de papai. Amiguinhos nossos, no entanto, me esclareceram tudo: a quenga não era D. Margarida, mas outra mulher, uma negra, a rapariga de Seu Pedro Coqueiro.

E outros capítulos da escabrosa história me foram sendo narrados aos poucos. A tal mulher vivia na casa de minha avó.

Durante muito tempo o veneno derramado por Lamartine me torturou. Quantas vezes me aproximei de D. Margarida, disposto a perguntar-lhe a verdade. Passava horas e horas das noites a imaginar diálogos com ela. “Mamãe, quem é minha mãe verdadeira?” “Ora, meu filho, se sou sua mamãe, sou eu a sua mãe verdadeira.”

Às vezes me preparava para ser grosseiro com ela: “Dona Margarida, me diga o nome da puta que me pariu, a amante de Seu Pedro.” Imaginava o seu olhar triste, o seu rosto sereno a se contorcer, e desistia de ser estúpido. Afinal, que culpa lhe cabia nessa história?

Esses diálogos imaginários eu os tramei durante a adolescência. Antes eu sofria de outra forma. Não ideava conversas com mamãe; discutia comigo mesmo. Culpava-me, insultava-me.



Noutra fase, anotava num caderno perguntas a serem feitas a mamãe. Decorei-as, pronto a enfrentá-la a qualquer momento. Quando papai estivesse trabalhando e meus irmãos dormindo. Porém isso nunca sucedia. Se eles dormiam, papai jantava, ouvia rádio, lia jornal.

E as perguntas anotadas, rabiscadas, refeitas envelheciam no caderno.

Torturava-me não apenas a hipótese malvada de não ser filho de mamãe. Doía-me muito mais não saber ao menos o nome de minha mãe. Não saber sua identidade completa. Ora, uma ex-criada de vovó não significava nada. Aliás, significava muito, para mim. Filho de uma mulherzinha qualquer que se deixou seduzir por um homem casado. E se não tivesse casado ainda? Pouco importava isso.

Porém eu me parecia tanto com mamãe! Todo mundo dizia: é a cara de Dona Margarida. E ela falava da gravidez, do parto, dos primeiros dias e meses do filho. Até me convencer de ser ela a minha mãe.

Quando nos fizemos amigos, tive vontade de pedir a Lamartine explicações para aquele insulto dos tempos de criança. E de novo imaginei mil formas de fazer a pergunta. Voltei ao caderno de anotações. Rabisquei páginas e mais páginas. Imaginava-me a sós com ele, a caminho do ginásio, nos bancos das praças, nas noites de boemia. “E a lição de latim?” Ele nunca deixava de fazer os deveres de casa. E ia mais além: se o professor pedia uma tradução, ele a realizava e ainda decorava os dois textos. *“Lupus et agnus compulsi siti venerant ad eunden rivum...”* Um lobo e um cordeiro, compelidos pela sede, tinham vindo a um mesmo regato...”

Sabia de cor quase tudo dos livros, fossem de História ou Geografia, Português ou Latim, disso e daquilo. E gostava de exibir esse dom. “Quem sabe quantos reis teve Roma?” E ele erguia o braço: “Sete foram os reis de Roma. O primeiro foi Rômulo, o segundo Numa Pompílio, o terceiro Tulo Hostílio, o quarto Anco Márcio, o quinto Tarquínio Prisco, o sexto Sêrvio Túlio, o sétimo Tarquínio Soberbo.” De tanto repetir essa e outras respostas, acabei também decorando algumas delas.

Nunca, porém, consegui de Lamartine resposta àquela pergunta tantas vezes pensada: quem é a minha mãe?



## **IX – MENINO BORRALHEIRO**

Quase nada recordo de meus primeiros anos. Frequentemente confundo minha memória pessoal com a memória dos outros. O que me contaram de mim pode ter sido mentira, invencionice brincalhona. E supostos acontecimentos passo a relembrar, como se verdadeiramente guardados na memória. Assim, desde cedo diziam em casa ter eu aprendido a ler aos cinco anos. Na verdade, não lembro desse tempo. Porém eu o incorporei à memória, e me revejo aos cinco anos, lendo. Uma cartilha, uma folha de jornal, um livro.

Não recordo de mim nem dos outros. Papai vivia atrás de um balcão, cercado de mercadorias. Quando saía à rua, cobria-se de seu chapéu de feltro. Em casa havia um porta-chapéus, com espelho. Ele se mirava, alisava o bigode e dava ordens. Almoçava à cabeceira da mesa, reclamava do governo e ralhava comigo e meus irmãozinhos. Porém não guardo lembrança disso. Mamãe foi quem me falou de balcões, chapéus e ralhações.

Papai também não me dava atenção. Preferia os outros filhos, talvez por serem mais novos. E disso também não tenho memória.

De meus irmãos não lembro nada. Se choravam, se se machucavam, se brincavam – disso nada sei.

Mamãe às vezes me batia, e eu chorava muito. Às vezes me beijava, e eu sorria por longo tempo.



O mundo rodava doido do outro lado do mar. Hitler assombrava tudo. Apesar disso, eu não sabia de nada.

Palma me parecia uma cidade enorme. As ruas não tinham fim. Os cavalos me assustavam. As carroças passavam a toda hora. Caminhões levantavam poeira, matavam cachorros, gatos e galinhas. As igrejas alcançavam o céu. Os passarinhos piavam ao amanhecer e ao entardecer. Os galos me espantavam os sonhos. E tudo nos meus sonhos não acabava nunca. Do chapéu de papai voava uma rolinha. Carregava no bico um fio de cabelo do bigode dele. Atravessava a praça e pousava na torre da igreja. Piava e pipiava para um gato sonolento. O vira-lata se aproveitava da sonolência do bichano e o atacava. Corriam pela rua, entravam nas casas. E a história terminava em urinação. Como castigo, mamãe me fazia ajoelhar à porta da rua, o lençol ensopado de urina sobre a cabeça.

Contavam-me histórias terríveis. Bruxas, madrastas, dragões. Eu queria ver Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, o Pequeno Polegar, a Gata Borralheira. “A menina lavou as mãos e o rosto, apresentou-se ao príncipe, saudando-o com uma reverência. O filho do rei entregou-lhe o sapatinho. A Gata Borralheira tirou do tamanco o pé e o meteu no sapato.”

Não sei quem me contava tantas histórias. Diziam, mais tarde, ter eu lido, desde os cinco anos, uma coleção completa de contos populares. Nunca vi esses livros.

E as cantigas de ninar? Guardei-as todas na lembrança. Porém como lembrar o tempo em que as ouvia? Provavelmente eu as gravei de tanto ouvi-las mais tarde, quando mamãe embalava seus outros filhinhos.

Na mais remota lembrança de mamãe eu a vejo de ventre arredondado, andar lento, cercada de três ou quatro crianças choronas. E eu obrigado a também cuidar delas, por ser o mais velho.



## X – PEDRAS E RAIOS

Papai e mamãe conversavam. Sentado no chão, eu brincava próximo deles. Não lembro com quem me divertia. Talvez com batalhas, futebol ou palhaçada. Porém nunca tive soldadinhos de chumbo ou plástico. Meu time de botões só perdia. Palhaços de pano pareciam bonecas, e todo menino fugia delas.

“Pedro, você viu como o filho da Laura não larga os livros?” “É verdade, Margarida. Esse menino tem futuro.”

E a conversa não acabava mais. Lamartine isso, Lamartine aquilo. Eu sentia ciúmes. Por que falavam tanto de um filho de outros? Eu não merecia elogios? Ou gostavam mais de meu primo do que de mim? Ela riu. Sim, gostava do jeito do filho de Laura. Menino estudioso merecia elogios. Papai aproveitava a insinuação para me mandar estudar. Primeiro a obrigação, depois a devoção. Vivia dizendo isso. “Já fez os deveres de casa?”

Não sei se o sonho terminava aí ou se eu conseguia ludibriar meus pais e sair à rua. Pois logo me encontrava com Lamartine e não me lembrava dos elogios feitos a ele. Combinávamos matar passarinhos. Testávamos as baladeiras e enchíamos os bolsos de pedras. “Vale atirar em urubu?” Meu primo se enfezava. Urubu não era passarinho. E atirava a primeira pedra. Eu também atirei. As pedras subiam e nunca atingiam o alvo. E também não voltavam. Sumiam no céu. “Por que as pedras não caem, Lamartine?” “Ora, porque temos muita força.”



Súbito pingos d'água caíam. “A chuva vai trazer as pedras”, eu previa. Porém somente água vinha de cima. Chovia forte. E corríamos para debaixo de uma árvore.

“As pedras furaram as nuvens, Victor.” Relâmpagos clareavam o céu, o mato, o chão. Trovões nos assustavam. E se caíssem raios? Melhor fugirmos. Talvez encontrássemos uma casa. Não, não havia casa nem choupana por perto.

E uma labareda, língua de fogo queimava a árvore e nossos corpos. Lamartine caía, queimado, morto.

O sonho não poderia continuar. Fazia muito calor, e eu suava. Arregalei os olhos, como se quisesse ver o cadáver de meu primo. À minha frente apenas o guarda-roupa.

Acendi a luz. Pouco mais de quatro horas. Precisava dormir mais. No entanto, um sonho daqueles merecia ser lembrado. Busquei o caderno e a caneta. Anotei o essencial do pesadelo. Inconformado, fui à enciclopédia. Li quase tudo sobre relâmpagos, trovões, raios, pára-raios. E nisso o sol raiou.

Já sem sono, arrumei a cama e cuidei de fazer café.



## XI – AS DUAS MORTES DE VICTOR HUGO

Meu primo é um mentiroso. Oh, perdoem-me a exaltação. Afinal, ele está morto. Assim, reformulo a primeira frase: Lamartine era um mentiroso. Ou: as memórias de Lamartine estão plenas de inverdades. E isto não digo apenas por mim. Digo pelos mortos. Por Victor Hugo, o gêmeo do memorialista.

Pelo menos duas dessas mentiras devo contrariar: Victor não faleceu em 1944 e sua morte não se deu por afogamento no rio Potiú.

É-me quase impossível comprovar minha verdade. Porque no cartório de Palma está registrado o óbito de Victor como o informa seu irmão. E contra documentos não há argumentos. Apesar disso, atrevo-me a contar a verdadeira história de meu homônimo. Parte dela nem é negada por Lamartine. Antes, é realçada. Porque é esse capítulo que dá credibilidade ao seguinte.

Vivia Victor Hugo de bebedeiras. Dizia-se poeta, romântico, e fazia versos à maneira de Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Castro Alves e outros. Imitava-os, além de repetir-lhes poemas inteiros. No entanto, seu poeta preferido era Augusto dos Anjos. Sobretudo à noite, nos bares e cabarés. Depois de alguns goles, sem pedir licença para falar, punha-se de pé e declamava:

“Este lugar, moços do mundo, vede:

É o grande bebedouro coletivo,

Onde os bandalhos, como um gado vivo,



Todas as noites, vêm matar a sede.”

Quando de lá regressávamos, e antes de irmos para casa, sentados nos bancos das praças, se lembrávamos as mulheres com quem havíamos estado, declamava:

“Toma um fósforo. Acende teu cigarro!

O beijo, amigo, é a véspera do escarro,

A mão que afaga é a mesma que apedreja.”

Gostávamos de ouvi-lo, por mais que nos enchêssemos de horror. E assim perdíamos as noites. Depois perdíamos os dias nos sermões e pancadarias paternas.

Estudávamos no colégio dos salesianos. Lamartine brincava, participava das farras, porém sempre se dedicava aos estudos. O mesmo digo de mim. Victor, porém, só lia os livros dos poetas. Não queria saber dos estudos. E o pai ameaçava arranjar-lhe trabalho. Ou fazê-lo marinheiro. Dizia-se envergonhado. Um filho boêmio e poeta!

E toda Palma ria muito disso.

Foram dois anos de muitas desavenças na casa de Ernesto e Laura. Surras já de nada serviam. Nenhum castigo emendava o doido Victor Hugo. Enquanto seu gêmeo se preparava para ser doutor na capital.

Desesperado, Ernesto vaticinou um fim terrível para o filho ingrato – morreria de tanto beber. Talvez antes dos vinte anos.

Pouco depois desses vaticínios, já com vinte anos, Victor desapareceu. Fizeram-se buscas nos cabarés, nos sítios, nos matos. E finalmente nos rios. Mandaram esculpir um belo caixão, fecharam-no para toda a eternidade, e, chorosos, rezaram pela alma do afogado.

Laura implorou para ver o filho pela última vez. Impossível, a tampa não podia ser retirada. A decomposição, o rosto carcomido pelos peixes, não, ninguém veria o defunto. E ninguém, nem mesmo a mãe, nem os irmãos, nem o médico, nem o padre, ninguém pôde ver o corpo. Nem antes nem depois de fechado o ataúde.

Estivesse morto ou vivo o poeta, pouco importa, porque depois daquele dia Palma não mais o viu. E vivo continuou por muitos anos mais. Porém longe dos seus, e das bebidas, das mulheres e da poesia.



Quatro anos depois dessa mentirosa morte fui encontrar meu desditoso primo num asilo de loucos. E ele, talvez já louco de verdade, me contou uma história quase inverossímil.

Perguntarão os leitores – como foste achar Victor Hugo? Que te levou a ele? Oh! não me perguntem isto. Perguntem por que torturamos e matamos os loucos e os que chamamos loucos. Perguntem por que tememos os loucos e os que chamamos loucos. E perguntem pelos que bebem, pelos que não dormem, pelos que se afogam, pelos que desaparecem. Pois a Victor voltei várias vezes e nunca tive coragem de ir à polícia, ao juiz, ao padre. Ora, quem acreditaria num louco? Diriam – sim, ele se diz Victor Hugo. Passa os dias recitando versos do poeta francês. Todo o hospício já sabe de cor seus poemas.

E de fato meu primo me recebia cheio de poesia:  
*“Lorsque l'enfant paraît, le cercle de famille  
Applaudit à grands cris. Son doux regard qui brille  
Fait briller tous les yeux.  
Et les plus tristes fronts, les plus souillés peut-être,  
Se dérident soudain à voir l'enfant paraître,  
Innocent et joyeux.”*

Coitado, nada sabia de sua morte, do afogamento no rio, do caixão muito bonito. Sabia, sim, de como o surpreenderam às margens do Potiú e o conduziram amarrado ao hospício.

Lembrei-me de Rosinha. Ela, sim, a vida a deixou muito cedo, exatamente nas águas do Potiú. E nada bebia e não sabia versos e era só beleza.

Victor também lembrou-se dela. E chorou, porque talvez a amasse. Perguntou por Lamartine, que dizia amá-la. Ah! seu irmão também deixou Palma. Não queria mais sofrer. De que ele sofria? Talvez de remorso. Mas remorso é dor sem cura, vem de dentro e não lhe servem emplastos.

E desandava a dizer tolices. Eu me retirava. Talvez me agredisse.

Na vez seguinte retomava o fio da conversa: então você não conhece meu irmão. Ele não admitia termos nascido gêmeos. Como se eu fosse o melhor pedaço dele e que a ele não pertencia.



No asilo havia doentes de todos os tipos. Alguns por alcoolismo. Como Victor Hugo. E ele acreditava ser esta a sua doença ou o motivo de seu internamento. Porém se dizia muito mais doente. De melancolia, de solidão, de descrença. E me pedia ajuda, socorro. Não para voltar à casa paterna, a Palma, mas para sair daquele outro inferno. Tão deprimido quanto ele, de lá saía sempre mais perturbado. E se o raptasse? Cheguei a maquinar fugas espetaculares. E depois? Onde escondê-lo, aonde levá-lo?

Num domingo de maio de 1951 visitei-o pela última vez. Parecia mais abatido, mais melancólico. Falou-me de morte.

Na mesma noite se matou.



## XII – TRAMA NEURONIAL

Sempre tive vontade de falar do outro Victor Hugo com os seus pais e irmãos. Porém o tempo passou, fui embora de Palma e nunca mais pude vê-los. Ao reencontrar Lamartine reavivei aquele interesse. Restava saber como chegar ao finado. Nada de perguntas inopinadas, como: o seu irmão morreu mesmo afogado no rio?

Fantaseiei inúmeros preâmbulos. Falaria de Rosinha, e dela chegaria a Victor. Ou lembraria banhos no rio. Finalmente decidi partir dos livros, da biblioteca de Lamartine. Partiria do presente para o passado, do concreto para o abstrato, do visível e palpável para a sombra, a evocação, a recriação.

Diante dos muitos livros, suas lombadas, seus títulos, com facilidade chegaria a um deles. “Onde estão os poetas?” Ele poderia rir: “Que poetas? Orientais ou ocidentais? Antigos, renascentistas, românticos?” Para evitar esses subterfúgios, a pergunta deveria conduzir diretamente a Augusto do Anjos. Sim, eu queria partir do poeta paraibano para chegar a Victor Hugo.

No entanto, Lamartine pareceu pressentir as minhas intenções. O patife (oh, eu não devia insultá-lo mais!) desconfiava de tudo e de todos. Mesmo já velho, ainda guardava aquela capacidade de ver e ouvir como poucos.

Nos dias anteriores à conversa planejada busquei o máximo de informações sobre Augusto dos Anjos. Revirei a enciclopédia, fiz anotações, decorei-as. Porém precisava ler,



decorar e recordar alguns de seus versos. Andei por toda a cidade e a muito custo consegui um exemplar do *Eu*.

Cada poema me trazia Victor de volta. Aquele tempo de bebidas, mulheres e sonhos. Ele sempre bêbado, a recitar versos do poeta: “Sou uma Sombra! Venho de outras eras, do cosmopolitismo das moneras...”

É como se fosse hoje. Muito magro, quase esquelético, olhos fundos. E eu às vezes o confundia com o próprio Augusto. “Eu, filho do carbono e do amoníaco...”

Victor sabia de cor toda a obra do poeta.

E cheguei a Lamartine com alguns versos na ponta da língua. Nem sei como dei início à conversa. Talvez assim, após o bom-dia e as palavras de praxe: “Andei relendo uns livros de poesia. Coisa antiga. E acordei hoje com uns versos saindo pelos cabelos: *Agregado infeliz de sangue e cal, fruto rubro de carne agonizante, filho da grande força fecundante de minha brônzea trama neuronal...* Sabe de quem são?” Ele fez de conta não ter ouvido nada. Ofereceu-me café, tossiu, chegou à janela.

Já me falhava a memória. Onde andavam os versos decorados na noite passada? Lembrei-me e apressei-me a dizê-los: “*Forma vermicular desconhecida...* Sabe de quem é este verso? Não? De Augusto do Anjos. Ah! estava pensando em Olavo Bilac.” E tentou mais uma vez escorregar, mudar de assunto. Ultimamente não lia quase nada. A vista, as dores nas juntas.

Não havia jeito de falar do irmão falecido. E fui me irritando por dentro, comigo mesmo, a ponto de logo esquecer todos os versos. Ao cabo da visita, já nem me lembrava de Augusto dos Anjos. E voltei para casa azedíssimo, cheio de fel, pronto a quebrar copos e rasgar livros.



### XIII – TRANSFORMAÇÕES

Acordei ainda de madrugada. Sonhava com Rosa. Não sei minha idade no sonho. Porém ela devia ter 15 anos. Conversávamos, sentados no chão, recostados à parede. Parecia noite, ou a luz no ambiente não me deixava enxergar nitidamente os objetos e a própria Rosinha. Isso, no entanto, não me impede supor fosse ela ainda mocinha. Falávamos inicialmente de Lamartine. “Você gosta dele?” Esperei uma eternidade pela resposta. Impaciente, fui à janela. Não havia sol nem lua. Não havia ninguém do lado de fora. Só um descampado sem fim, a se perder no horizonte. E Rosa cantava. Não lembro a letra nem a melodia. “E do irmão dele você gosta?” “De quem está falando?” “De Victor Hugo.” “Você é Victor Hugo.” E rimos.

Não lembro o instante seguinte ou como já estávamos do outro lado do cômodo, debruçados noutra janela, olhando para um rio. “Vamos tomar banho?” “Não; tenho medo de encontrar o corpo de Victor.” E lamentávamos a morte de meu homônimo. Ela se pôs a chorar. Consolei-a. Abraçamos. Porém eu abraçava Alzira e não Rosa. E Alzira já parecia adulta, como quando a conheci. Muito mais velha, um tanto gorda, algumas rugas, cabelos grisalhos aqui e ali.

A porta se abria de chofre. Assustávamo-nos. À nossa frente Lamartine e Victor. Nada falavam e imediatamente passavam a abrir gavetas e portas, arrastar cadeiras, como à procura de algum objeto. Eu e Alzira também nada dizíamos. A busca durou alguns minutos. Nada encontrando, os dois



se retiravam, deixando escancarada a porta. “Procuravam dinheiro”, eu dizia, voltando-me para Catarina. Sim, no mesmo lugar onde estivera Alzira já eu via minha filha. E isso não me assustava. Como se já estivesse acostumado a transformações. Como se esperasse por elas. “Aqui tem muito dinheiro, papai?” Ri, porque Catarina falava como criança. Trajava vestido comprido, tecido muito colorido, bolinhas azuis e vermelhas. “Sim, eu tenho muito dinheiro.”

Ia continuar mentindo e brincando quando entraram os outros irmãos dela. Gritavam, corriam, empurravam-se. Ela se encolhia e se abraçava às minhas pernas. “Parem com isso. Vou chamar Alzira.” Eles, porém, não me davam ouvidos e mais gritavam. E então acordei.

Na rua um carro ia e vinha. Levantei-me e fui à janela. Rapazes gritavam. Tive ímpetos de dizer-lhes uns desaforos ou lançar água fria sobre aqueles doidos. Porém sosseguei. Bebi água e voltei à cama. Rosinha, por que sonhar com ela e tê-la tão fugidia? Esses fantasmas não deviam me atormentar mais. Estou esquecido de tudo e de todos. Torturo-me para esquecer o passado. Não me interessam mais as meninas e as mocinhas envelhecidas ou mortas. O tempo ido dissipou-se. Agora só me resta uma nesga de futuro. E mais nada.



## XIV – PARTIDA

É tão presente em mim aquele tempo da primeira juventude. Lembro acontecimentos insignificantes. Um sorriso, uma palavra, um gesto. Lembro um sorriso de Rosinha numa noite de quermesse. Lembro uma palavra que me feriu, um simples “biltre” nos lábios de Lamartine. Lembro o dedo da mão de um Aduato, erguido na minha direção. E tudo é bem distante, morto até.

Se não consigo esquecer essas insignificâncias, como não lembrar o dia da primeira morte de Victor? Como esquecer também a partida de Lamartine, no final daquele ano de 1944?

Quase não nos despedimos. Trocamos algumas palavras na véspera. Você vai mesmo embora? Vou, não aguento mais essa cidadezinha, essa porcaria.

Talvez não tivesse me dito nada, nem sequer aquelas palavras, se não tivéssemos nos encontrado por acaso. Pois quase ninguém na cidade sabia da viagem. Nem meus pais. Como se aquilo fosse segredo.

E para onde ia o filho mais velho do Seu Ernesto Coqueiro? Todos se perguntavam. E ninguém falava mais do outro, do gêmeo.

Você não vai também, Victor Hugo? – perguntaram-me alguns amigos e algumas mulheres da vida. Vai envelhecer aqui nessa merda?

Tínhamos vinte anos, e tudo já parecia velho, passado, perdido. Nosso poeta morrera, Rosinha já não existia. Nossos



pais pareciam nossos avós. Palma não mudava nada: as mesmas casas grudadas umas às outras, portas e paredes desbotadas. As ruas e seus mesmos habitantes, as mesmas pedras do calçamento. E as igrejas brancas, silenciosas, cheias de beatas de língua ferina e beatos hipócritas.

Muito bem, Lamartine. Em Palma não havia mais lugar para você. Na capital, sim, você iria crescer, tornar-se importante, um doutor.

Eu me remoía de inveja. Sentia-me pequeno, impotente, covarde. Ora, eu não sabia francês e muito menos latim, e em casa não havia livro nenhum. Lamartine, sim, lia francês e latim, e falava duns livros deixados por seu avô.

Nas memórias meu primo narra também essa fase de sua vida. A “morte” de seu irmão é contada em poucas palavras. Do enterro salta para sua viagem. Decisão tomada por seu pai. Em Palma não havia futuro. Apenas quatro escolas: o grupo escolar, municipal, para o curso primário; o ginásio salesiano, para meninos e rapazes; o colégio das freiras, para meninas e moças; e a Escola Normal, também de freiras.

Lamartine fala de seus sonhos de então: estudar, viajar, conhecer o mundo. Especialmente a França. Como desejava morar em Paris. Nas cartas também recorda esses sonhos. E lamenta não os haver realizado na juventude. “Espere-me em julho”. – avisa numa carta a Gérard Jaulin – “ Vou precisar de cicerone.”

Dos livros também fala nos cadernos. Tudo herança deixada pelo avô Carlos. Obras dos principais escritores franceses, de Rabelais a Pierre Loti. Algumas em francês, outras em português. Sem contar as obras raras da literatura da Idade Média, como *Roman de la Rose*, *Roman de Jelan de Paris* e *Vie de Saint Louis*.

Lamartine não diz quantos volumes constituíam a biblioteca deixada por seu avô. Cita alguns e, às vezes, refere-se apenas ao autor. Como neste trecho das memórias: “Vovô lia e relia tudo. E até sabia de cor alguns versos. Dos poetas de sua preferência, como Lamartine, Victor Hugo e Musset. Porém não gostava dos enciclopedistas, sobretudo de Voltaire e Diderot.”



Afirma o memorialista ter lido toda a biblioteca do avô antes dos vinte anos. Não duvido disso. Pois vez por outra contava resumos de romances para um grupo de amigos. Como o *Notre-Dame de Paris*. Desse nunca esqueci, embora não o tenha lido.

Quando partiu para a capital, Lamartine não levou os livros. Porque não lhe pertenciam ainda. Só mais tarde, quando o pai morreu, tomou ele conta da biblioteca. Agora, enriquecida de milhares de outros livros, ela me pertence, até que a Justiça decida quem será o herdeiro de meu primo.



## **XV – CONTOS DE CAROCHINHA**

Quando Lamartine saiu de Palma tudo me impelia a partir também. Porém ainda vivi dois longos anos a ouvir conselhos. Papai me falava do futuro. Não havia científico ou clássico na cidade. Os melhores empregos cabiam aos afilhados do doutor Saraiva, o deputado eleito pela cidade. Como o de delegado de polícia. Restava seguir o caminho de papai. E ele até me apresentou essa alternativa. Porém o comércio não me seduzia.

Meus amigos também falavam em ganhar a vida em São Paulo ou mesmo em Fortaleza. E muitos o fizeram.

Eu queria estudar, ser um doutor, viajar o mundo. Não queria morrer cedo ou terminar a vida naquela cidadezinha, onde todos sabiam da vida de todos.

No entanto, os dias passavam e eu não conseguia ir embora. E Lamartine por onde andava? Chegavam-me raras e breves notícias dele. “Estuda medicina.” Mentira. “Viajou para a Europa.” Conversa fiada. “Está noivo da filha de um rico da capital.” Conto de carochinha.

A cada semana, a cada mês novidades como essas nasciam na casa número 135 da avenida Dom Bosco e rapidamente chegavam aos ouvidos dos dez mil palmenses. Uns diziam, apalermados: “Eu bem falava do futuro daquele menino.”

O alvissareiro de sempre chamava-se Ernesto. “Vocês sabiam? Meu filho Lamartine comprou um automóvel.”



Não sei dizer se tantas novidades chegavam em cartas de meu primo ou se emergiam do cérebro fantasioso de seu pai. O mais razoável é crer-se na mentira de um, agravada pela fantasia de outro. Se um escrevia: “Comprei um mapa da França”, o outro alardeava: “Lamartine está de viagem marcada a Paris.”

Tendo Ernesto enlouquecido algum tempo depois do “afogamento” de Victor Hugo, suponho ter sido o outro gêmeo o causador de sua demência. As cartas mentirosas devem ter estimulado as fantasias de seu pai.

Nas memórias de Lamartine não há qualquer referência às cartas enviadas a seus familiares. E muito menos àquelas admiráveis notícias divulgadas em Palma nos dias seguintes à sua partida. As páginas onde narra aquele período contêm outras fantasias. Aqui aparece o ferrenho inimigo do Estado Novo. Ali surge o incansável amigo das mulheres. Acolá desponta o formidável intelectual.

Os episódios se acumulam nos cadernos. Estudantes armados de pedras combatiam carabinas de soldados getulistas. Gritos por liberdade, correrias, sangue nas ruas. Muitos estirados no chão. A ordem para recuarem os estudantes. Nada de suicídio. Lamartine, porém, sobe a um banco da praça e grita: “Morte à ditadura.” Ressoam tiros. Grita mais, incita os companheiros à luta. E a multidão, já em debandada, volta, avança para a soldadesca. À frente o jovem Lamartine.

A narrativa, de tons épicos, parece não ter fim. Chega a ser fastidiosa. E parece falsa.

A juventude de Lamartine é toda feita de grandezas. As mulheres mais belas se espojam a seus pés. São reles fêmeas magnetizadas pelos encantos de D. Juan.

O herói dos campos de batalha é também o conquistador número um nas camas.

E ainda lhe sobrava tempo para ler gregos, latinos, novelas de cavalaria, trovadores, renascentistas, filósofos, epopéias indianas e não sei que mais.

Transcrevo trecho bem característico dessa megalomania intelectual de Lamartine: “O ano de 1945 é dos mais significativos em minha vida. Fiz leituras magníficas, como do *Bagavad-Gita*, do *Rigveda* e do *Gilgamesh*. Li



também uma coleção de biografias de filósofos antigos, num total de trinta volumes. Encantou-me a filosofia de Lao Tsé. E nunca pude esquecer Zenão de Eléia, Epicuro, Tales de Mileto e tantos outros. Para não me perder no passado, adquiri as obras completas de alguns russos, como Dostoiévski, Tolstói, Turgueniev, Gogol, Lermontov, Pushkin e Tchekhov. Não tive tempo de os ler todos naquele ano. Porém tive o prazer de saborear obras-primas como *Guerra e Paz*, *Os irmãos Karamazov* e *Crime e Castigo*. Ao chegar o Natal já havia lido mais de cem romances da literatura russa.”

Tudo isso me deixa morto de inveja. Ora, aos vinte anos não enfrentei sequer o mais sonolento meganha. Se seduzi alguma mulher, a virtude não me pertencia, mas ao dinheiro. E, se muito li, passei a vista por uns versos de Olegário Mariano.

Se sou invejoso, não sou mentiroso. E, como creio ser obra da fantasia de Lamartine todo o seu passado escrito, já o não invejo.

A mim me resta restaurar a verdade. A Lamartine lhe falta mentir aos vermes, a sete palmos do chão.



## **XVI – PROFESSOR DE FRANCÊS**

Eu devia ter presumido o destino intelectual e profissional de Lamartine. Ele só poderia se fazer professor de francês. Nunca engenheiro ou médico. Em última hipótese, marinheiro, piloto de avião ou diplomata. Viajaria muito, conheceria o mundo.

Nas cartas e nas memórias não há nenhuma afirmativa de ter ele conhecido outros países. Porém há frases que levam a diversos entendimentos. Como quando escreveu a Simone Jabés: “Numa livraria de Rouen disseram-me poder encontrar as obras de Maxime Langlois.”

Também ainda não encontrei qualquer frase do tipo: “Nunca saí do Brasil.” Há, no entanto, nos seus escritos, declarações de amor à França: “minha pátria”, “terra dos meus sonhos”, “língua quase materna”.

Mais de cinco páginas das memórias Lamartine dedica à sua atividade docente. Relembra: “Para não me prejudicar nos estudos, não arranjei logo emprego. Preferi lecionar francês a rapazes e moças. Cobrava pouco por cada aula. E bastava para completar minhas despesas. Papai nunca deixava de me mandar dinheiro.”

Narra episódios da vida de estudante, enumera algumas mulheres e volta aos estudos e aos primeiros exercícios professorais: “Apareceram-me empregos em lojas e bancos. Recusei-os todos. Não me interessavam apólices ou fazendas. Eu só queria livros e mais livros, versos e prosas, verbos, advérbios e substantivos. Sobretudo franceses. Ora, eu



carregava comigo um tesouro. Aquele manuscrito de meu avô desde cedo eu acreditava tratar-se de raridade. Nenhum livro, nenhum manual o mencionava. E o título, aquele título me fascinava: *Le roman de la rose gothique*. O autor, nenhum compêndio de literatura francesa o citava. Quem seria, então, Charles d'Avignon?"

As memórias parecem-me interessantes enquanto narrativa. Mesmo os trechos onde vislumbro mentiras ou fantasias. Porém quando Lamartine se põe a filosofar, eu me aborreço. Como neste fragmento: "Não sei o que me levou a ensinar francês. Pois, menino e adolescente, não me via jamais professor. Até não gostava de professores. Todos figuravam para mim complementos da mesa, do giz, do quadro-negro.

Terá sido meu nome o causador deste mal? Terá sido meu pai? Terá sido meu avô? Terão sido os livros de meu avô? Terá sido o manuscrito? Ou Charles d'Avignon?"

Lamartine não deu respostas às perguntas. Eu, no entanto, tenho cá uma resposta. Levou-o ao francês e, conseqüentemente, ao ensino da língua primeiro o seu pai e depois o seu avô. Ambos maníacos. Ernesto chegou a dar aos treze filhos nomes franceses. O velho morreu dizendo-se descendente direto de franceses. Não cansava de lembrar seus antepassados. E, vez por outra, saía de casa carregado de livros, que lia em praça pública.

Nas memórias meu primo lembra as excentricidades de seu avô. Como sujeitá-lo, desde muito criança, a decorar versos em francês. Para recitá-los durante as festas de aniversário, os casamentos, os batizados, as festas cívicas.

"Até hoje não esqueci muitos daqueles versos, embora mal soubesse pronunciar palavras em português. Alguns deles reencontrei mais tarde nos livros. Como estes de Musset:

*Lorsque le pélican, lassé d'un long voyage,  
Dans les brouillards du soir, retourne à ses roseaux,  
Ses petits affamés courent sur le rivage,  
En le voyant au loin s'abattre sur les eaux.*

De outros, que depois consegui copiar, nunca lhes soube a origem. Não sei quem os escreveu. Talvez meu próprio avô. Como estes:

*Vaste jardin où je me réfugie  
dans une nuit obscure où le silence ordonne.*



*Jardin où, fugitif, je m'abrite  
de la tempête qui me surprend de bonne heure,  
mal né le jour, bien accablé le soir.*

Vovô me parecia muito inteligente. E diferente das outras pessoas. Como se fosse estranho àquele lugar, vindo de muito longe, talvez de outro planeta, da esfera celeste. Pois falava uma língua que – eu supunha – só ele falava. E conhecia pessoas nunca vistas, de nomes esquisitos. Guillaume de Lorris, Étienne Zeller, Joachim Du Bellay, Edmond Boucerf e muitos outros.”

Se não se tivesse tornado professor de francês, meu primo teria sido mais um louco na família Coqueiro.

E se também estiver mentindo ao se dizer mestre da língua francesa?



## XVII – O BAÚ

Por que Lamartine deixou passar tanto tempo para dar notícia do manuscrito? Por que o ocultou dos outros até à velhice? Pois sabia desde cedo da importância dele.

Estas questões não estão respondidas com clareza nos cadernos e nas cartas. A Clément Toulet escreveu: “Li pela primeira vez o romance de Charles d’Avignon quando vovô já havia falecido. Ele o guardava num baú, trancado a sete chaves. Falava-nos de sua relíquia, porém nunca a retirava da velha mala.”

Noutra carta, como se atendendo a uma curiosidade do correspondente, complementa a primeira informação: “O caderno, em formato de livro, jazia no fundo do baú, enrolado em folhas de papel. Parecia não ter sido tocado há muitos anos. A caligrafia bonita, letras redondas e simples, pertencia a mão de mulher letrada. Talvez de minha avó.”

Não há nas memórias e cartas qualquer referência às circunstâncias em que achou o caderno do avô. E aqui faço uma suposição. Num dia de loucura, Ernesto ameaçou incendiar a própria casa. Chegou a queimar roupas e alguns móveis. Lembro daquele dia. Toda Palma se agitou. Centenas de pessoas se postaram diante da casa de meu primo. Ernesto gritava, corria, chegava à janela. Alguns moleques davam-lhe vaias. Outros bradavam: doido, maluco. Laura chorava, pedia socorro, mandava os filhos para a rua. E o homem, furibundo, sem calça e sem camisa, tocha erguida, ameaçador. “Vou botar fogo em Palma. Vou queimar tudo.”



Regressávamos do ginásio, mortos de fome, alheios às novidades. De longe avistamos a multidão. Lamartine seguia à minha frente. Conversava com um colega. E subitamente o vi correr. Todos corremos também. E nos juntamos ao povo. Minutos depois meu primo, chorando, saía de casa. Trazia nos braços alguns livros. E nos pedia ajuda. Salvássemos os livros de seu avô.

Creio ter sido aquele dia de labaredas e sustos o dia do achamento do romance de Charles d'Avignon. Pois numa carta a Eustache Bouin afirma Lamartine: "Salvei do fogo a rosa gótica."

Sucederam-se os escândalos na casa de Ernesto, sobretudo após o suposto afogamento de Victor Hugo e a partida de Lamartine. Porém nesse tempo, talvez antes, os livros do velho Carlos já deviam ter sido retirados de casa por meu primo.

Nos cadernos há um trecho onde pode estar definido o momento certo da retirada dos livros: "Vovô me dizia sempre – todos estes livros serão seus um dia. Pois cedo me fez íntimo deles. Ensinou-me a língua francesa, lia para mim os poemas de sua predileção, e depois, já quase cego, fez de mim seu leitor. Papai não seria nunca um bom herdeiro. E os livros terminariam devorados pelas traças. Daí ter me confiado a guarda de sua biblioteca, assim como do baú onde conservava o manuscrito e objetos de estimação."

As primeiras cartas são datadas de 1984. Há, porém, rascunhos delas com datas bem anteriores a esta. Um deles, de 2 de abril de 1979, comenta os acontecimentos político-sociais no Irã. Faz uma caricatura de Khomeini e muda repentinamente de assunto: "Quero lhe falar de um livro raríssimo. Não se lhe conhecem edições recentes. Talvez nunca tenha sido editado."

Numa carta de 27 de janeiro de 1985, dirigida a Jean Auguste Vitrac, há uma reprodução quase integral do rascunho de 1979. Não fala do Irã nem do aiatolá, porém da nave *Discovery* e dos perigos de uma guerra atômica. Também muda repentinamente de assunto: "Vou lhe falar de um livro raríssimo. Não sei de edições recentes dele. Já escrevi às mais importantes bibliotecas, a universidades, a



pesquisadores. Ninguém sabe desse livro. E creio ter sido escrito no século XIII.”

Noutra carta ao mesmo Vitrac anuncia poder enviar pequenos trechos do livro. “Não posso mandar todo o manuscrito. Corre-se o risco de minha carta se extraviar ou cair em mãos de criminosos. Imagine um jornalista inescrupuloso de posse do meu achado.”

Um mês depois escreveu outra carta a Vitrac. Nela há um trecho do manuscrito.

Suponho ter Lamartine dedicado toda a sua vida ao tema do manuscrito francês. Pois sempre viveu só, desde sua partida de Palma. As cartas falam sempre e quase tão-somente do caderno deixado por seu avô. Nelas e nas memórias revela ter estudado, desde a juventude, a origem do romance de Charles d’Avignon. As transformações sofridas ao longo do tempo e as várias transcrições. A obra teria sido escrita originalmente em língua d’oc. Depois teria surgido uma versão em francês. A tradução para o português seria do próprio Lamartine, baseada na cópia francesa encontrada no baú de Carlos Coqueiro.



## **XVIII – CASTELOS E DRAGÕES**

Nunca fui dedicado aos estudos. Detestava matemática. Não passei do bê-a-bá do inglês, do francês e do latim. Tive algum interesse por geografia e história. Gramática da língua portuguesa sempre me pareceu um bicho-de-sete-cabeças.

Ao contrário de mim, Lamartine estudava muito e sempre se distinguía dos outros nos exames. E isso o afastava de minha turma, da qual fazia parte o gêmeo dele.

Meus amigos foram sempre os mesmos, desde os tempos das brincadeiras infantis. Jogávamos futebol todos os dias e, vez por outra, brigávamos com meninos de outras turmas. A seguir veio a fase do cigarro. Fumávamos às escondidas de todos. Até de desconhecidos. Mais tarde conhecemos bebidas alcoólicas e passamos a freqüentar cabarés e bilhares. Chamavam-nos de vagabundos e boêmios.

Vivíamos cantando. Sabíamos as músicas dos principais cantores. “Lealdade”, na voz de Orlando Silva, tornou-se quase um hino para nós. Depois foi a vez de “Fascinação”, com Carlos Galhardo.

Havia poucos rádios em Palma. Nas casas mais ricas, de comerciantes e proprietários de terras e prédios. Papai demorou a comprar um daqueles aparelhos. Parecia um baú.

Na Matriz havia um serviço de alto-falante. Porém só transmitia a “Ave-Maria”, todas as tardes. E como desejávamos ouvir Francisco Alves e todos os outros cantores! Até que surgiu um empreendedor e instalou outro alto-falante na



cidade. Cobrava uma ninharia para transmitir recados e músicas, a pedido. Devia ter inúmeros discos.

Nesse tempo já Lamartine havia se incorporado ao nosso grupo, embora não fumasse e pouco bebesse. Talvez por demasiado temor a seu pai. Pois Ernesto se tornava mais louco, à medida que o tempo passava. E, quando enlouquecia, tornava-se violentíssimo. Batia em Laura e nos filhos, inclusive nos mais novos. E todos na cidade tomavam conhecimento dessas estripulias.

Victor Hugo parecia não dar importância ao comportamento de seu pai, nem ao falatório geral. Continuava se embriagando, recitando Augusto dos Anjos e visitando as raparigas. Seu gêmeo, no entanto, muito se enfadava com os escândalos protagonizados por Seu Ernesto. Sentia-se envergonhado, talvez. Ou temia ser ridicularizado. E então sumia ou se refugiava nos estudos. Passava dias e dias encafudado em casa. Perguntávamos por ele a seu irmão. “Meteu-se nos livros de vovô.” Ríamos, queríamos mais detalhes dos esconderijos de Lamartine. “Que livros tão grandes são esses?” Victor participava também da brincadeira: “São histórias cheias de castelos e dragões.”

Quando voltava ao convívio dos amigos, Lamartine parecia cada vez mais distante de nós. Falava da França e dos franceses, sobretudo. Aqui e ali pronunciava palavras e expressões francesas. E as traduzia, em seguida, a demonstrar saber muito bem o que dizia. “Ainda hei de conhecer Paris. Aliás, tenciono morar lá.” E se punha a sonhar no Arco do Triunfo, na Torre Eiffel, nos *Champs-Élysées*. Depois, como o velho Carlos Coqueiro, recitava os poetas:

*Salut, bois couronnés d'un reste de verdure!*

Até se anoiar completamente de nós, os amigos de infância e adolescência, os parentes, os conterrâneos, e partir para sempre em busca de seu castelo. Ou de seu dragão.



## **XIX – O PROVENÇAL LÉONCE**

Nenhuma carta de Lamartine é um relato completo, ainda que sucinto. A reunião de suas cartas tampouco configura um relato completo. Há lacunas aqui e ali. E tudo isto pode significar que meu primo não dispunha de um esboço preestabelecido da história do manuscrito encontrado no baú de seu avô. Essa história teria sido criada por ele ao longo do tempo. Como uma telenovela.

Em linhas gerais, a história contida nas cartas é a seguinte: Entre os franceses chegados ao Maranhão no século XVII havia um Léonce Renard ou Reinach. Não há outras informações sobre esse personagem, a não ser a de ter trazido um caixote repleto de livros e manuscritos.

Sem qualquer explicação, meu primo afirma ser este aventureiro seu primeiro ancestral francês em terras brasileiras. Não menciona árvores genealógicas.

Numa carta a Clément Toulet resume: “Os filhos desse Léonce receberam nomes portugueses, originando-se então a família Coqueiro.”

Não há qualquer referência à mulher de Léonce, se indígena, portuguesa ou de outra nacionalidade. Lamartine também não se atém aos netos, bisnetos e trinotos do ilustre soldado francês. Vai direto a Carlos: “Vovô herdou algumas terras e um baú de livros. Seus irmãos herdaram apenas terras. Daí ter ele se tornado um homem admirado por todos.”

Também não há nenhum capítulo onde esteja narrada a diáspora dos Coqueiros. Em carta a Simone Jabés diz



simplesmente: “Uma parte da família decidiu buscar novas terras. E para a região de Palma foram Carlos e seu irmão Luís.”

Nas primeiras cartas a cada um dos seus 49 correspondentes, meu primo dá sempre a mesma informação: Tem em seu poder um manuscrito em francês arcaico. Trata-se de um romance de Charles d’Avignon. A obra é do século XIII e se intitula *Le roman de la rose gothique*.

Curiosos, os estrangeiros lhe solicitam mais informações. E Lamartine vai tecendo a teia: o manuscrito é cópia de cópia de cópia. Como os copiadores não sabiam francês, há erros grosseiros. Daí ter ele decidido passar a limpo toda a obra, já em bom francês.

Eugène Laloux perguntou quem seria o copista do manuscrito encontrado por Lamartine. A resposta não brotou límpida: “Nunca vovô me falou disso. Porém me repetia sempre: meus livros e manuscritos vêm de pai para filho, desde a chegada dos franceses ao Maranhão. Quando os papéis ficam velhos, as letras vão desaparecendo, alguém trata de copiá-las em folhas novas.”

Na segunda carta a Jules Signac meu primo anuncia outra descoberta extraordinária. O manuscrito trazido por Léonce continha a seguinte observação: “Traduzido do provençal para o francês por Claude Seurat.” Esta nota se reproduziu até a cópia encontrada no baú de Carlos Coqueiro.

E Lamartine se culpa: “Não a copiei por descuido ou por não ver nenhuma importância nela.”

Ora, como pode um pesquisador, um estudioso, um professor de francês dizer semelhante idiotice? Só posso crer naquela hipótese de ser Lamartine um impostor e ter inventado toda esta história. A cada dia, a cada carta lhe surgiam novas idéias. Se não contradiziam as anteriores, ele as acatava e divulgava. Porém, estando já idoso, muitas vezes não percebia as contradições. Ou não conseguia preencher as lacunas do enredo.

Gérard Jaulin perguntou-lhe como se explicava um soldado, um colonizador partir da França para o Brasil e levar consigo livros e manuscritos raros. Lamartine, aborrecido, respondeu: “Um homem não deixará de conhecer terras exóticas por gostar de ler.”



Augustin Cantagrel disse não acreditar ser autêntica a informação de ter sido o manuscrito traduzido do provençal para o francês. Qualquer pessoa poderia ter escrito a nota. Inclusive Carlos Coqueiro. Além disso, o texto em provençal não existia.

Um ano depois Lamartine anunciou ter encontrado fragmentos desse texto. “Estão comigo desde a morte de vovô. São 31 pedaços de papel envelhecidos, quase decompostos. A tinta, já desbotada, torna ilegíveis algumas palavras. Não os tinha analisado ainda por medo de os destruir, ao tocá-los. Acreditava, também, serem restos da cópia antecessora daquela deixada por vovô. Por curiosidade, resolvi passar a limpo os fragmentos. Queria comparar o francês de uma cópia ao da outra. Queria saber se houvera progresso ou retrocesso. Se meu avô, ou seu copista, havia deturpado ou melhorado o francês de seu pai. Perplexo, porém, quedei-me ao anotar as primeiras palavras. Não, aquilo não era francês. Excitado, copiei os 31 fragmentos. E os levei a um amigo, agora falecido, o professor Capistrano Monte. Conhecedor de latim, grego, sânscrito, hebraico e outras línguas antigas, certamente decifraria aqueles hieróglifos. E ele, passando os olhos pelas folhas, sorriu e, sem titubear, disse: Isto é provençal. Pedi-lhe uma tradução para o português. E constatamos serem as primeiras páginas do romance de Charles d’Avignon.



## XX – DEMANDAS

Por insistência de seus correspondentes, Lamartine passou a lhes enviar resumos de partes do romance. E então se deram os primeiros embaraços de meu primo. Os estrangeiros lhe faziam objeções a cada nova carta.

Georges Jacottet escreveu diversas vezes a Lamartine. Demonstrando vasta erudição, observou semelhanças de um trecho enviado com o capítulo II do livro primeiro do *Amadis de Gaula*. Sobretudo quando a rainha se maravilha ao ver o Donzel do Mar atirando setas.

Lamartine se irritou na carta seguinte. Se as duas obras se assemelhavam, os estudiosos deveriam rever toda a exegese do *Amadis*. Primeiro: sua origem, se portuguesa, castelhana, francesa, etc. Segundo: seu autor, se João Lobeira, se Vasco Lobeira, se outro. Terceiro: se originalmente escrito antes ou depois de 1245.

Jacottet se referiu ao professor Alonso Morales, estudioso da literatura medieval. Lamartine se interessou pelo espanhol, com quem passou a se corresponder. Nas primeiras cartas trataram quase sempre de questões relativas às origens de obras como o *Amadis*, a *Demanda do Santo Graal* e o *Ysengrimus*. E mencionava historiadores, pesquisadores, ensaístas de diversos países. Alguns deles meu primo os conhecia. Como Menéndez y Pelaio, Narciso Alonso Cortés e Maria Rosa Lida de Malkiel. Para demonstrar conhecimento das obras desses escritores, Lamartine comentava suas opiniões e informações. Às vezes transcrevia trechos de obras



como *Orígenes de la novela*, *História das novelas portuguesas de cavalaria* e *La matière de Bretagne et l'Amadis de Gaule*.

Apesar de toda a astúcia de Lamartine, não deixou Alonso Morales de o chamar de lunático. E pôs em dúvida a existência do *Romance da rosa gótica*. O título lhe parecia excessivamente moderno. Charles d'Avignon poderia ter traduzido e ampliado o original. Esse original poderia ser castelhano ou português, e nunca provençal.

Meus rudimentares conhecimentos de História da Literatura não me deixam dar opiniões. Minha enciclopédia não me dá todas as informações de que necessitaria para discutir assuntos como os tratados nas cartas de Lamartine. E não disponho de tempo para ler ao menos meia dúzia de livros. E, se os lesse, mesmo assim não estaria capacitado a dar opiniões como as de Alonso Morales.

Prefiro, pois, ler as cartas e me encher de dúvidas cada vez mais. Se o romance foi escrito em língua d'oc, francês ou português. Se o original é de 1245, de 1800 ou de 1945. Se Charles d'Avignon é autor, tradutor ou pseudônimo. Se Lamartine é um descobridor ou um impostor.

Meus filhos não param de me importunar. Não vêm nenhum sentido nessas minhas leituras e releituras das cartas e dos cadernos deixados por meu primo. Chamam-me a passear, viajar e até deixar de vez esta casa. E tudo o que há nela. E ainda me acusam de ter me apossado de coisas do falecido. "Se mamãe ainda fosse viva..." Não, Alzira não se incomodaria com minha nova maneira de levar a vida. Resmungaria pelos cantos e ficaria nisso.

Alexandre me anunciou novidades. A Justiça deverá decidir sobre os bens deixados por Lamartine. Falou de inventário, partilha, herança. A mim só me interessam as cartas e os cadernos. Até os livros podem ficar com outro. Não pretendo lê-los. Júlio César ri quando lhes digo isso. Catarina está sempre ao lado de Alexandre. Desde menina vê no irmão a autoridade máxima. Augusto permanece calado. Os outros pouco me vêem.

Logicamente amo meus filhos. Porém quero viver sozinho. Passei anos e anos ao lado de Alzira. Nossos filhos cresceram, saíram de casa, constituíram suas famílias. De vez em quando nos visitavam, levando seus filhos. Alzira



adorava os netinhos. Por ela, um ou outro deveria passar dias conosco. Eu não concordava com isso. Gostava de minha solidão, meus jornais, minha enciclopédia. Criei outras manias. Quando Alzira morreu, dediquei-me ainda mais a mim mesmo, aos meus passatempos. Depois redescobri Lamartine, aquela notícia do livro. Agora me dedico exclusivamente às cartas e às memórias de meu primo. E não suporto multidões, algazarra, gente perto de mim. Rezo para não receber visitas. Nem as de meus filhos.



## XXI – NOVAS CARTAS FRANCESAS

Por indicação de Augusto, conheci um professor de francês. Chama-se José Anderson. Falei-lhe das cartas recebidas por meu primo, contei-lhe umas mentiras e pedi-lhe a tradução daquelas. Não sei por que me atendeu tão prontamente. Talvez em razão das falsas histórias que lhe contei. Primeiro enalteci a figura de Lamartine. Disse-lhe da fama internacional de meu primo. Depois me fiz presidente interino da Fundação Lamartine Coqueiro, “em processo de criação”.

Enquanto o professor traduzia as primeiras cartas, meti-me a remexer os armários de meu primo. E eis-me a encontrar outro grupo de cartas. Seus subscritores não estão entre aqueles das cartas até aqui lidas por mim. São todos franceses, e as missivas procedem de Paris, Nantes, Bordéus, Grenoble, Lião e outras cidades da França. Estão datadas de 1991 a 1993. Todas elas tratam de negar a “descoberta” de Lamartine.

Dominique Lépicié não diz ser meu primo um mentiroso. Aliás, não o censura nunca. Pelo contrário, chama-o de criador. O *Romance da rosa gótica* seria criação de Lamartine.

Lépicié lembra exemplos de obras literárias nascidas da imitação. Ou, o contrário, de obras que servem de modelo. O romance de Lamartine teria tido como modelo obras dos séculos XIII e seguintes, como o *Roman de la Rose* e o *Roman de Jelan de Paris*. Lembra, ainda, o *Ecbasis captivi* e o *Ysengrimus*.



E diz mais: “Quem é capaz de criar uma obra como esta só pode ser íntimo das literaturas grega e romana. Você com certeza conhece Homero e Virgílio, Luciano e César, Xenofonte e Cícero, Platão e Fedro, Demóstenes e Horácio, Heródoto e Ovídio, bem como Calino, Tirteu, Mimnermo, Arquíloco, Alceu, Safo, Anacreonte, Píndaro, Teócrito, Ésquilo, Sófocles, Eurípides, Aristófanos e todos os latinos. Infelizmente vivemos no século XX, e já não se escreve como aqueles nossos mestres. De qualquer forma, sempre é tempo de ser grego ou romano, provençal ou românico, medieval ou trovadoresco.”

Louise Tassel vê no romance traduzido por meu primo uma “colcha de retalhos”. E nenhuma originalidade ou criatividade. O autor teria feito uma compilação, tendo como arcabouço os romances corteses. A seguir, teria enxertado nesse arcabouço trechos de canções de gesta, contos populares, novelas de cavalaria e romances de cordel. E cita alguns títulos: *Palmeirin de Oliva*, *Libro de los Ejemplos del Conde Lucanor y de Patronio*, *História da Donzela Teodora*, *Calila e Dimna*, *Comédia Eufrosina*, *História o Vida del Gran Tocaño Llamado Buscon*, *Pierre de Provence et de la Belle Maguelonne*, *La Vie du Terrible Robert le Diable*, etc.

Para a pesquisadora francesa o manuscrito de Lamartine teria tido a primeira redação já no nosso século e não no século XIII.

Seguindo estas pegadas, Ernest Géricault acredita ser o romance obra de Carlos Coqueiro. Leitor de novelas e romances da Idade Média, teria feito uma brincadeira, escrevendo um pasticho. Para dar credibilidade ao seu manuscrito, teria inventado Charles d'Avignon.

Não sei qual deles está mais próximo da verdade. Se Lépicié, se Tassel, se Géricault. Será Lamartine o autor do romance? Se o foi, por que preferiu inventar toda a história do manuscrito, para ficar como simples descobridor e tradutor dele? Talvez porque não gostaria de ser chamado de imitador.

Admitindo a autoria do romance, Lamartine ficaria também como autor de uma obra sem importância – uma compilação, no dizer de Louise Tassel.

E se tiver sido Carlos Coqueiro o autor do romance? Não, Lamartine jamais aceitaria esta opinião. Ter sido logrado



pelo próprio avô? De nada teria valido dedicar-se por toda a vida a descobrir a origem daquele manuscrito. Glória vã.

E se tudo tiver sido impostura? Se os próprios críticos franceses forem invenção de Lamartine?



## XXII – VOUS M’ENTENDEZ?

Não sei onde estávamos o professor José Anderson e eu. Talvez no meu apartamento. Ele falava e eu ouvia. Porém nada entendia. A não ser quando falava português. E somente o fazia para dizer: “Estou falando francês.”

Também não sabia se tratava de um ou de vários assuntos. Falasse de audição, de línguas, de livros, estaria falando para si mesmo.

“Que língua está falando agora?” Ele ria: “Só sei falar francês.” Eu repetia a queixa: “Não estou entendendo nada.” Ele redargüia: “Você quis assim. Contratou-me para traduzir as cartas de seu primo e para lhe ensinar a língua de Lamartine. Além do mais, não gosto de português nem de qualquer outra língua, exceto a francesa. “Vous m’entendez?”

De vez em quando ia à estante e retirava um livro. Abria-o e se punha a ler. Eram poemas e capítulos de romances franceses. “Sinta a sonoridade da língua.” E passeava pelo ambiente, cheio de imponência. “Leia Victor Hugo”, eu pedia. Não me dava atenção e permanecia absorto na leitura. Porém já não se tratava do professor Anderson. Diante de mim eu via o avô de Lamartine. E não ousava mais falar. “Vamos passear, rapaz. Vamos às ruas. Precisamos levar ao povo o conhecimento, o saber. Os livros são inúteis nas estantes.”

Diante da casa passava uma multidão de pessoas, como numa procissão, num desfile. Nenhuma delas olhava para nós, embora me sentisse muito importante. Carlos Coqueiro



lia e falava francês. Conhecia obras raras. Descendia do aventureiro Léonce Renard. E era avô de meu primo Lamartine.

Metido nessa soberbia, sentia ímpetos de insultar os transeuntes. Por que não nos cumprimentavam? Bando de parvos! E buscava a aprovação do velho Carlos para investir contra todos. Porém não mais o via. Onde se metera? Procurava-o no meio do povaréu. Gritava-lhe o nome. E mesmo assim ninguém me dava ouvidos e, muito menos, olhos.

Desesperado, entrava numa casa. Mamãe me recebia aos berros. Por onde andara? Com quem estivera? Eu arranjava desculpas, mentiras. Ameaçava me bater. Contasse toda a verdade. Eu chorava e ela me consolava. Fosse almoçar. Logo estávamos à mesa. Pratos e talheres postos. Cheiro bom no ar. Outras pessoas sentadas. No entanto, no lugar de mamãe eu via Alzira. E isso não me espantava. Nem me assustava a pergunta: quando você pretende morrer, homem?

Esses sonhos sem sentido me deixam sempre pensativo. Não tive vontade de sair da cama. Lembrava-me de Alzira. Não gostava de ser acordada. Eu calçava os chinelos e saía do quarto, feito gato. Cuidava do asseio pessoal, fazia café, arrumava as coisas na sala ou na cozinha. Aos domingos ia comprar jornal. Voltava para casa, ávido de novidades. Às vezes até desejava a morte do Presidente.

*Vous m'entendez?*



### XXIII – LIVROS E LIVROS

É admissível a hipótese de ser o *Romance da rosa gótica* obra de Lamartine. Ora, desde menino ele se mostrou muito criativo. Inventava brincadeiras, das mais ingênuas às mais extravagantes. E todos o tinham como líder. Mais tarde criou murais, onde expunha poemas de escritores desconhecidos de nós e até dos professores. Criou também os primeiros jornais do colégio. Os padres autorizavam a circulação das folhas, desde que previamente lidas por eles. Muitas vezes Lamartine teve de recopiá-las, para excluir poemas ou trechos de seus artigos.

As cartas e os cadernos de memórias são autênticas peças literárias. Quem já os leu não me desmente. O professor José Anderson me disse: “Lamartine sabia escrever. Às vezes até lembra Eça de Queirós.”

Meu primo leu muito. Sobretudo os clássicos, sem contar a literatura medieval. Iniciou-se nos livros deixados por seu avô. Ao longo da vida adquiriu uma vasta biblioteca. Se não leu tudo, se não teve tempo de ler os milhares de livros que agora estão comigo, com certeza leu muito. E a prova disso está nos comentários anotados nos cadernos e à margem dos livros. Nem sempre se delonga nas anotações, porém nunca deixa de fazê-las.

Por curiosidade, folhiei todos os volumes da biblioteca. Entre as folhas de muitos deles encontrei papéis escritos a mão. Quase sempre anotações de leitura. Possivelmente esquecidas dentro dos livros.



Como já disse, não tive tempo de ler a biblioteca. E não estou mais na idade de ler. Talvez esteja na idade de reler. Não me resta mais muito tempo de vida. E quero dedicar este pouco tempo a lembrar o passado e descobrir o verdadeiro Lamartine.

Requer muita paciência esse trabalho diário e quase contínuo de decifrar meu primo. Como a paciência é irmã do tempo, preciso também de método. Daí ter separado para análise apenas os livros com maior número de anotações. E também aqueles mais demoradamente comentados nas memórias. Creio estar neles, na leitura deles a origem do *Romance*.

Como são mais de cem estes livros, vou me referir a apenas meia dúzia deles:

*História de Narbo Martius*, de autoria do italiano Fillipo d'Arezzo, é um relato de mais de trezentas páginas. Narra a história da primeira colônia de cidadãos romanos fundada na Gália, no ano 118 a.C. Há inúmeras citações latinas, sobretudo de Júlio César. Cada capítulo traz uma epígrafe. A do primeiro é o famoso trecho que aqui reproduzo: "Gallia est omnis divisa in partes tres, quarum unam incolunt Belgae, aliam Aquitani, tertium, qui ipsorum lingua Celtae, nostra Galli appellantur."

*Os Visigodos*, de Germaine Poulenc. São cinco volumes, num total de 1.400 páginas. Lamartine fez diversos comentários a esta obra, quer nos cadernos, quer nos próprios livros, enquanto os lia. São sugestivas anotações, como esta: "Buscar outras informações sobre o bispo Úlfilas. Um grande personagem."

*A arte gótica*, de Robert Borchert, está completamente rabiscada a lápis. É uma das obras mais estudadas por Lamartine.

As *Leyendas del último rey godo*, de Juan Menéndez Pidal, são comentadas em seis folhas dos cadernos de meu primo.

A *Crônica Geral de Espanha de 1344* mereceu de Lamartine muito mais do que anotações e comentários. Há inúmeros trechos grifados e copiados. Outros sofreram modificações e integram o texto do *Romance da rosa gótica*.



Daí a hipótese de ser meu primo o verdadeiro autor do livro atribuído a Charles d'Avignon.

Um dos trechos grifados na *Crônica* é este:

“E, veendo os grandes fidalgos que nom eram desses bandos, e outrossi os poboos, o grande mal e destruição que por esto viinha aa terra, veerom-se a acordar de fazerem cortes e fazerem em elas tal regimento per que se a terra nom perdesse. E foi assi que forom feitas.”

No romance há um trecho (demorei a encontrá-lo), em bom português, que pouco difere daquele.

*A Paródia*, de Emílio de Sousa, também aparece cheia de grifos. E nos cadernos Lamartine escreveu: “Nunca pude ler a *Batalha de Gigantes*, do poeta Hegemon de Taso, nem a *Batalha das Rãs e dos Ratos*. Seriam essas as primeiras paródias, cinco séculos antes de Cristo. Se são obras secundárias, isto não significa não possa ser escrita uma paródia de grande valor literário.”

A esta opinião de meu primo contrapõem-se diversos correspondentes dele. Simone Jabés afirma não acreditar na possibilidade de uma grande obra surgida como paródia. Eustache Bouin cita apenas um exemplo de paródia merecedora de um lugar ao sol: o romance *O sonho segundo Jung*, do português Soares da Costa. A obra parodiada é *Lamentações de Jó*, do irlandês Gutbergr Eldjárn.

Sempre teimoso, Lamartine refutava uma a uma as opiniões de seus correspondentes. E dizia: “Muitas vezes a imitação supera o original. Conheço dezenas de boas obras literárias que poucos sabem terem sido paródias de obras menores. Assim, *A condessa rebelde* é paródia de *O conde enamorado*. *Os funerais do capitão Gancho* é paródia de *As armas secretas*. *Sonata para Madalena* é paródia de *As noites frias*. Como sabemos, o autor do primeiro é o húngaro Miklós Kazinczy, ganhador do Prêmio Sartre e um dos mais criativos romancistas do século XX. Já o autor da pequena obra parodiada, o brasileiro Jair de Freitas Machado, só pode ser posto ao lado desses escritores que produzem livros aos quilos.”

Como não conheço nenhum dos livros mencionados por meu primo, abstenho-me de dar opinião.



## XXIV – NUM LABIRINTO

Nunca havia sonhado com livros, bibliotecas. Aliás, nem sei como seja uma biblioteca pública. Nunca tive vontade de conhecer bibliotecas. Talvez por ser alérgico a poeira. E assim imagino serem as bibliotecas – prateleiras e mais prateleiras cobertas de poeira.

Encontrava-me num casarão antigo, piso de madeira, teto muito alto e pouca luz. Não lembro da porta de entrada. Nem sei se havia porta de entrada. Eu já me achava entre estantes. Para onde me voltava me defrontava com montanhas de livros. E ninguém a quem pudesse dirigir a palavra. Corredores estreitos, por onde só podia passar uma pessoa. E eu passeava, mirando as lombadas dos livros, vagaroso, curioso. Súbito me sentia perdido, consciente de estar enclausurado e só. Seria aquilo um labirinto? Apavorei-me e parei. Não valia a pena andar sem rumo. E eu só queria sair dali. Mas por onde sair? Que roteiro seguir? Talvez houvesse um mapa, um gráfico, um desenho qualquer daquele lugar. Onde? Setas no piso seriam suficientes para indicar a saída.

Uma voz sussurrou: “Siga; não fique parado.” Olhei para os lados, para cima, as estantes, na tentativa de descobrir de onde vinha aquela voz. “Que está querendo ver? Aqui você só terá livros para ver.” Queria ver o *Romance de rosa gótica*. A voz riu. Desconhecia tal livro. Por via das dúvidas, consultasse o fichário. As fichas continham todas as indicações necessárias à localização de cada livro.



Tranqüilizado, indaguei onde encontrar o fichário. “Siga em frente e vire à direita.”

Cumpria atentamente as ordens recebidas. “Vire à esquerda.” Não parava nem sequer para respirar, e nada de alcançar o fichário. Aborreci-me – afinal, havia ou não havia fichário? E o *Romance*? Quero vê-lo imediatamente. Se você sabe tudo, deve saber onde se acha o livro de Charles d’Avignon. “Como já disse, desconheço esse livro. Deve ser livro fictício.” E riu. “É um livro de ficção”, esclareci. “Suponho seja apenas um título. E aqui só temos livros escritos e imprimidos. Livros de todos os tempos. Alguns anteriores às civilizações grega e romana.”

A voz não parava de falar. (Não sei como dizer. Talvez devesse dar um nome ao dono da voz. É mais racional dizer: fulano não parava de falar. Porque uma voz só existe enquanto emite sons.)

Imobilizado, eu ouvia a voz: “Veja este livro do século XVII. Bem diante de seu nariz.” Eu o retirava da prateleira. “Obra de um francês. Contemporâneo do pai ou do avô daquele colonizador que deu origem à sua família.” Lembrei-me de Lamartine, suas histórias, o avô Carlos, o antepassado Leonce Reinach. “Tenha muito cuidado. As folhas estão envelhecidas. Não vá danificar essa obra maravilhosa. Há dela edições recentes, porém esta tem valor histórico. Traz autógrafa do autor.” Abri o livro e me pus a folheá-lo. Muitas gravuras. Numa delas um homem de chapéu, tendo à mão direita uma espada. Às costas, espécie de bolsa ou mala oblonga. A figura se movia, agitava, como se não fosse desenhada. E articulava palavras, que eu não conseguia ouvir. Depois saltava do livro para o chão e se punha a andar. “As gravuras diante de seus olhos se referem ao capítulo ‘Como um frade de Seuillé salvou o sino da abadia do saque dos inimigos’.” Essas figuras seguiam os passos da primeira, sem se darem conta de minha presença. E desapareciam também.

Fechei o livro, recoloquei-o na prateleira e me pus a andar. A voz nada ordenava. Parei novamente e apanhei outro volume. Mal o abri, figuras se desprenderam de suas páginas, das gravuras. Animais pequenos, exatamente do tamanho em que apareciam nas folhas do livro. Miniaturas



de leões, ursos, elefantes, serpentes. E eu me tornava criança. Brincava com os pequeninos bichos, como se fossem brinquedos vivos. Iam e vinham, corriam, faziam estripulias, inofensivos.

Entretido, não percebia a aproximação de Lamartine. “Os bichinhos são meus. Não toque neles.” Eu me sentia roubado. E discutíamos. A seguir trocávamos socos e pontapés. Preocupava-me a vida dos animaizinhos. Poderíamos esmagá-los. No entanto, eles cresciam, aos poucos. Eu pedia trégua a meu primo. “Veja, eles estão crescendo.” Logo alcançavam seus tamanhos naturais e demonstravam ferocidade. Fugíamos, apavorados. “A culpa é sua”, acusava Lamartine. Eu me defendia e revidava a acusação: “Se você não tivesse chegado nem tivesse feito tanto barulho, eles não teriam crescido.”

Corríamos pelos corredores e não encontrávamos abrigo ou a saída. Os bichos urravam. Ouvíamos o tropel de suas patas no chão. Súbito eu me achava num beco sem saída. E só. Lamartine desaparecera. Não porém sua voz. “Onde você está?” “Estou aqui; vem me ajudar.” Chorávamos, embora os animais já não andassem atrás de nós. Nem sequer ouvíamos seus urros.

Não lembro o final do sonho. E não vou fazer interpretações dele. Porque seriam sem fim. A primeira poderia ser esta: a literatura é um labirinto.

Fui à enciclopédia e revi Dédalo, o Minotauro, Teseu, Ariadne, etc. Não preciso transcrever essas anotações. Não sou transcritor.



## XXV – LÍNGUAS, VISIGODOS, NORAS

Outro tema caro a Lamartine e seus correspondentes é o das línguas românicas. Não meras informações, como as que obtive e obtenho na enciclopédia. Não há nas cartas nada como “a língua latim era falada, primitivamente, no Lácio.”

Para entender melhor o assunto das missivas, voltei à enciclopédia. Num caderno fiz algumas anotações, de que transcrevo partes aqui:

“Desde o século VII a.C. a existência da língua latim está documentada. Porém a língua falada pelo povo romano era a chamada latim vulgar. Dela se originaram as línguas românicas.”

Mais adiante tomei notas sobre cada uma dessas línguas:

“Provençal: língua falada no sul da França desde fins do século XI. Conhecida também como língua-d’oc. Pode-se chamá-la de língua do sim. *Oc* vem do latim *hoc*, partícula afirmativa. Em antigo provençal *oc* significa *sim*.”

Lamartine e seus amigos vão a fundo em suas discussões. Escrevem sobre os diversos tipos de composições provençais, os estilos, os trovadores, sobretudo Bertrand de Born, Arnaud Daniel, Marcabran e Bernard de Ventadour, “le prince des troubadours”.

Em carta a Eustache Bouin, meu primo solicitou exemplares de livros onde pudesse encontrar “chanson,



sirventès, partimen, tenson, descort, estampida, dansa, bal e plang”. E acrescentava: “Não em francês, mas em provençal.”

Há na biblioteca livros muito antigos, como já disse. Um deles é *Chanson de Sainte Foy d’Agen*. Não sei dizer se enviado por Eustache ou outro francês.

Uma das cartas de Eustache traz um conselho a Lamartine: “Procure conhecer a moderna poesia de língua-d’oc, bem como o romance occitânico. Indico-lhe alguns nomes, como Léon Teissier e Joseph Arbaud.”

Tenho conversado muito com o professor José Anderson. Estamos nos tornando amigos. Pelo menos uma vez por semana ele me visita. Vem trazer-me cartas traduzidas. Diz-me estar cada vez mais impressionado com a erudição de meu primo. “Esse homem conhecia tudo, Seu Victor.” Mostrei-lhe a biblioteca de Lamartine. Leu as lombadas, folheou um e outro volume, e se disse mais impressionado ainda com a sabedoria de meu primo. “Nunca ouvi falar da maioria desses livros. E olhe: já li muito, sobretudo os franceses.” E foi lendo os nomes e sempre dizendo: “Não conheço, desconheço, não conheço, desconheço.”

Aproveitei a oportunidade para lhe perguntar o significado de “Rosa gótica”. Ele pensou, passeou pela sala e se pôs a falar de arte gótica, alfabeto gótico, estilo gótico, letra gótica, romance gótico. Lembrou, ainda, a Gótia, os godos, os visigodos. Mais tarde fui à enciclopédia. O professor tinha noção de tudo, porém não me dera a resposta solicitada.

Preciso estudar mais os godos ou a Gótia. Creio vir daí o vocábulo utilizado no título do romance de Charles d’Avignon.

Meus filhos já leram o romance. Acharam-no interessante, bom, genial. Cada um deles arranjou um adjetivo para qualificar o livro. Talvez quisessem me agradar. Ora, não sou o autor. Talvez imaginem uma grande amizade de mim por meu primo. Ou desejem reverenciar a memória do “tio”.

Nesse dia quase não brigamos. Estávamos na casa de Alexandre. Todos reunidos. Almoço com a família. “O senhor vem ou não vem morar comigo? Deixe esses livros de lado.” Só então me aborreci. Não, não vou deixar nada de lado. Nem os livros, nem as cartas, nem Lamartine, nem nosso



passado. Como deixar tudo isso de lado, se com ele preencho o vazio de minha vida? Filhos, noras, genros, netos, eles têm suas vidas, suas vidas sem vazios, e não irão ter espaços para mim. Sou doutra estirpe, doutro tempo.



## XXVI – VÔO PARA GÓTIA

Ontem não consegui dormir cedo. Passava da meia-noite quando caí no sono. Desde depois do jantar me pus a fazer pesquisas na enciclopédia. Parti da Gótia e fui parar na Catalunha. E não esgotei o assunto. Antes disso, me exauri.

Devo ter sonhado durante toda a noite com os visigodos. Porém só me lembro do último sonho. Ou do penúltimo, do antepenúltimo, do mais impressionante. Quem sou eu para saber isto?

Sonhei novamente com Lamartine. Caminhávamos lado a lado. Havia árvores e sombras. E muito silêncio. Nossos passos pareciam lentos, medidos. Ele falava da Gótia, e eu nada entendia. Como se só dissesse a mesma palavra ou frase. “Eu vou para a Gótia.” Andávamos sempre, vagarosos, lerdos, preguiçosos. “Assim nunca chegaremos lá.” Ele riu e se deteve. Não, eu não iria com ele. Zanguei-me. Por que somente ele deveria ou poderia ir até a Gótia? “Olhe bem para mim.” E eu vi nele duas asas no lugar dos braços. “Vou voando, seu bobo. Você não sabe voar.” E dava pequenos vôos ao meu redor.

Com inveja, eu prometia engendrar minhas próprias asas. De papelão, de metal, de penas de aves. Lamartine zombava de mim. Eu até poderia fabricar asas. Jamais voaria, no entanto. Teimávamos. E, para provar minha incapacidade de voar, ele me ofereceu suas asas. “Use, pode voar. Tente



voar. Mas suba pouco, porque o chão é duro. Você morrerá como Ícaro.”

Eu tinha consciência do perigo. Antevia a queda fatal. Se tentasse voar, não conseguiria pousar como as aves. Cairia feito uma pedra ou um boneco de barro.

Em meus sonhos há sempre o pavor de cair, mesmo quando subo ou desço escadas ou ladeiras mais íngremes. São pesadelos terríveis. E acordo sempre sufocado, aos gritos.

Não aceitei o desafio e me resignei à pergunta: que ia Lamartine fazer lá? Ora, ora, ora. Saber de Rosa. Pois circulavam rumores de ter ela ido para a Gótia.

Não me causou curiosidade saber os motivos da fuga da menina. Muito menos os do interesse de Lamartine por ela. Interessava-me saber onde ficava a Gótia. Meu primo riu: “Você nunca deixou de ser bobo. A Gótia é aqui mesmo, no território de Palma. Você não sabia disso ainda? É o sítio do vovô.” E se pôs a falar das delícias do lugar. Os riachos, as mangueiras desconumais e sempre carregadas de frutos, os animais soltos e mansos. Cabras, porcos, galinhas. Não se cansava de montar cabras e correr pelo mato. Os porcos serviam para comer as frutas apodrecidas e o cocô das pessoas. Sim, todo mundo fazia cocô no mato. Havia uma casinha de palha, mas quase sempre cheia de excrementos. O fedor se alastrava ao mais brando vento. E os perigos? Cobras deslizavam pela folhagem do chão. À noite, porém, sapos e grilos faziam a festa.

Decepcionado, eu ouvia, sem interesse, a descrição de Lamartine. Ora, para mim a Gótia ficava do outro lado do mar, na Europa, num mundo bem diferente do nosso. Castelos cercados de muralhas intransponíveis e habitados por príncipes e princesas, cavaleiros e donzelas. Nas redondezas do castelo, nas florestas, bruxas, fadas, mágicos, anões e gigantes. Seres esquisitos, como gnomos e duendes. E ainda licornes, grifos etc.

Lamartine não parava mais de falar do sítio e já contava histórias extraordinárias. “Quer ir comigo?” Não, não me interessava conhecer aquela Gótia. “Pois já vou.” E saía voando. Primeiro ao rés do chão, dando voltas sobre minha cabeça, depois alçava vôo e sumia além das copas das árvores.



Acordei nesse momento. Abri os olhos. A lâmpada no teto parecia balançar ou voar. Pus-me a lembrar o sonho desde o início: eu e Lamartine seguindo um caminho ladeado de árvores. E muita serenidade, muito silêncio. Sentei-me à beira da cama. Alguma vez teríamos caminhado juntos, os dois? Não, Lamartine sempre fugiu à minha companhia. Nunca quis ser meu amigo. Quando conversava comigo, havia um ou mais amigos por perto. E logo um deles se tornava o seu interlocutor, e eu me resignava à condição de mero ouvinte. Mais tarde, quando nos tornamos rapazes, ele mudou bastante. Porém nunca nos fizemos íntimos um do outro. Nunca havia silêncio e tranqüilidade ao redor de nós. Agora, sim, há tranqüilidade demasiada. E um silêncio como nunca houve.



## XXVII – INVENTOR DE SIMPÓSIOS

As cartas de Lamartine são também ricas de notícias. Não de quaisquer notícias. Nada dos jornais e das televisões. Nada de política, de catástrofes, de crimes sensacionais. Apenas eventos no mundo acadêmico, universitário, literário: seminários, congressos, ciclos de estudos, simpósios, apresentação de teses. Sempre relacionados à literatura medieval, às línguas românicas, etc.

Quando noticiava um evento passado lamentava não ter podido convidar seu correspondente a dele participar. Se anunciava a realização de um seminário, não esquecia de fazer convite aos amigos estrangeiros a dele participarem. “Venha. Estarei a seu inteiro dispor. Cederei um dos quartos de minha casa. Se quiser, traga a esposa.” E assim ia se fazendo íntimo dos estrangeiros.

Eustache Bouin confessou não ser casado, não poder viajar e dedicar-se a cães. Clément Toulet disse ter pavor de avião e do mar. Simone Jabés não gostava de congressos, seminários, simpósios. Preferia os livros, as pesquisas, os estudos a sós.

Uma carta de Gérard Jaulin fez Lamartine “adiar” um congresso a ser realizado em Natal. O pesquisador francês agradeceu o convite feito por meu primo e comunicou sua chegada ao Brasil para dali a 15 dias. E aqui sou forçado a acreditar na existência real de Gérard Jaulin e também dos outros estudiosos com quem se correspondia. Ou então não existiam de fato, e Lamartine não passava de um brincalhão ou maluco.



As cartas recebidas por meu primo estão também repletas de convites. Não para participar de congressos, seminários, simpósios, mas para simplesmente conhecer a França, a Europa. E ele prometia viagens para um mês, seis meses, um ano depois. “Espere-me. Estarei em Paris no dia 30 de julho. Não deixe de ir ao aeroporto. Estarei perdido, se você não estiver lá.”

Há muito desconfio de Lamartine. Porém não disponho de provas a favor de minhas desconfianças. Não sei se são reais ou fictícios os seus correspondentes. Como não sei se o *Romance da rosa gótica* é medieval ou de autoria dele mesmo. Agora estou para acreditar nunca terem se realizado os congressos, seminários e simpósios noticiados em suas cartas. Pretendo escrever às Universidades e outras entidades referidas por ele. Preciso da ajuda de meus filhos e do professor José Anderson. Se ainda fosse vivo, Capistrano Monte poderia me dar um grande apoio. Certamente conhecia todo esse pessoal universitário.

Não, não devo esperar nada de meus filhos. Alexandre não concorda nem sequer com o haver eu trazido para minha casa as cartas e os cadernos de meu primo. Jamais concordará com outras atitudes minhas, como esta de escrever às Universidades. Júlio César talvez seja o único a me apoiar nesta nova tarefa.

O professor Anderson parece amigo. No entanto, não posso lhe falar de minhas desconfianças. Ora, Lamartine é para ele um homem importantíssimo, um gênio. Jamais inventaria simpósios.

E se lhe dissesse ser Charles d’Avignon pseudônimo de meu primo? Ele me acharia doido. Pior: um impostor. Pois então não existia a Fundação Lamartine Coqueiro? Enganado, ludibriado por um velho maluco. E nunca mais me traduziria as cartas francesas.

Decididamente, nada pode mudar. Lamartine se correspondia com os mais conceituados estudiosos europeus da Literatura Medieval. Meu primo descobriu e traduziu um manuscrito do século XIII. Participou de inúmeros congressos, seminários e simpósios. E eu sou o seu herdeiro, o guardião de seus escritos e livros e, sobretudo, de sua memória.



## XXVIII – OS INIMIGOS DE RICHELIEU

Outra lenda criada por Lamartine é a de seu primeiro ancestral franco-brasileiro, Léonce Renard ou Reinach. Com outros franceses, teria desembarcado no Maranhão em data não determinada do século XVII.

Nas memórias e nas cartas meu primo pouco diz desse personagem. Assim mesmo, traçou-lhe o perfil. Teria sido um homem dado a leituras, apesar de soldado e aventureiro. E argumenta: “Não foram poucos os homens de ação que também se dedicaram às letras. Bastaria citar Júlio César.”

Em nenhum momento Lamartine afirma ter sido Léonce escritor. Chama-o apenas de “amante dos livros”. E, ainda, de “amigo de escritores, provavelmente”. Pelo menos de um escritor teria sido amigo. Trata-se de François Lesage.

Vasculhei minha enciclopédia e nada encontrei desse personagem. Lamartine, porém, faz-lhe uma biografia. Autor de inúmeras obras, conhecedor dos trovadores de Provença, leitor de canções de gesta e romances de cavalaria, possuía uma das mais completas bibliotecas particulares da Europa.

As principais obras de Lesage são *Mémoires*, *Épigrammes*, *Élégies*, *Satires*, *Églogues*, *Hymnes* e *Correspondance*. Deixou também ensaios sobre Bertrand de Born, Arnaud Daniel, Marcabran, Bernard de Ventadour, Guillaume de Machaut, Eustache Deschamps, Christine de Pisan, Alain Chartier, Charles d’Orleans e François Villon.

A amizade de Léonce e Lesage não impediu decidisse aquele deixar Paris e buscar a inóspita América. Como



lembrança, doou o escritor parte de sua biblioteca a Léonce. E ainda um manuscrito de século XIII. A doação dos livros é aceitável, vez que havia outros exemplares deles. A do manuscrito é inexplicável. Ou François Lesage estaria louco? Teria cópia do manuscrito?

Estas e outras perguntas relativas à vinda do manuscrito para o Brasil estão nas cartas de quase todos os correspondentes de Lamartine. As respostas são nebulosas, cheias de conjeturas.

A Jean Auguste Vitrac explicou: “Apesar de amigo de Descartes e Corneille, esse François Lesage não conseguiu se notabilizar. Ao contrário, cedo de tornou malquisto por quase todos. E morreu completamente ignorado e até menosprezado por seus pares.”

Depois dessa carta, nunca mais Vitrac escreveu a meu primo. Acredito tenha ele vislumbrado na informação de Lamartine uma invencionice.

Gérard Jaulin também deixou de escrever a meu primo, após receber a carta em que este naufraga num mar de suposições sobre Lesage: “A desgraça final dele teve início em 1644. Escreveu um ensaio intitulado *Je pense*, onde analisa a obra filosófica de René Descartes. Ao ler o ensaio, Blaise Pascal se horrorizou. Aquilo significava a demolição da obra do grande pensador.”

Mais adiante, Lamartine completa a informação: “Na verdade, *Je pense* não investia contra o pensamento cartesiano. François Lesage descia ao fundo do poço metafísico e via em toda a filosofia, desde Aristóteles, nada mais que o vazio. A Igreja Católica o condenou. Porém não foi preciso crucificá-lo ou queimá-lo. Lesage se matou.”

A última carta de Lamartine a Eugène Laloux traz estas informações e mais o seguinte comentário: “É possível terem sido Lesage e Léonce membros de um grupo, um partido político de oposição ao regime do cardeal Richelieu e, depois, do cardeal Mazarino. Talvez um partido de camponeses. Ao se ver acuado, Lesage teria recomendado a Léonce a fuga para o Brasil. Salvava-se seu companheiro e, assim, salvava seus livros e manuscritos. Entre estes, o *Roman de la rose gothique*. E por que também não fugia? Certamente por ser pessoa muito conhecida das autoridades e, assim, tornar-se



impossível misturar-se aos soldados e aventureiros que freqüentemente partiam rumo ao Brasil.”

Durante algum tempo Simone Jabés supôs ser o *Romance* obra de François Lesage. Ou seja, o manuscrito encontrado por Lamartine seria do século XVII, e não do século XIII. Depois mudou de idéia e se disse ludibriada por meu primo. Não acreditava na existência de Lesage. E em nenhuma informação contida nas cartas de Lamartine. Inclusive na existência de Léonce Renard ou Reinach. Tudo obra da imaginação de meu primo. E então lhe fez um grande elogio. Chamou-o de escritor muito criativo.

Como não acredito na autenticidade das cartas, como penso terem sido escritas todas elas por Lamartine, só me resta uma dúvida – quem escreveu o *Romance da rosa gótica*?



## XXIX – COQUEIROS LOUCOS

Ou tudo é invencionice ou tudo é loucura. Ou Lamartine brincou o tempo todo, sobretudo com seus correspondentes europeus, ou havia enlouquecido. Pois a loucura é freqüente na nossa família. Não sei do passado mais antigo, mas o avô de meu primo não devia ser muito lúcido. Basta lembrar as declamações de poemas em praça pública. Se declamasse Castro Alves, Olavo Bilac ou outro poeta brasileiro, nada de esquisito haveria. Pois declamava versos em francês. E em Palma ninguém sabia francês, a não ser ele mesmo e, depois, o filho Ernesto e, muito mais tarde, o netinho Lamartine. Saía de casa carregado de livros e metia-se nas praças e ruas. Nos dias de feira competia com cantadores e repentistas. E muitas vezes conseguia mais ouvintes do que os violeiros. Dezenas e dezenas de matutos se postavam diante dele e, embasbacados, ouviam-no gritar versos de Musset, Victor Hugo, Lamartine, Leconte de Lisle, Gautier, Prudhomme e outros poetas franceses. Se alguém ousasse rir e censurá-lo por recitar versos franceses para aquelas pobres criaturas, quase todas analfabetas, ele respondia: as igrejas estão lotadas, e, no entanto, os padres rezam a missa e cantam hinos em latim.

Com o passar dos anos, o velho Carlos se fez mais excêntrico. Não se importava mais com o público. Já não ia às feiras. Saía de casa a qualquer hora do dia ou da noite, um saco repleto de livros, e escolhia os mais diversos lugares onde pudesse ler, em voz alta, seus poetas prediletos. Às ve-



zes o coreto da praça, e então as crianças se tornavam seus ouvintes. Outras vezes a calçada das igrejas, para competir com os padres. E noutras ocasiões buscava o cemitéro. Para dar aos mortos pelo menos o prazer de ouvirem boa poesia.

Uma filha de Carlos, de nome Aurore, andava nua pelas ruas de Palma. A família tratou de impedir tais escândalos e vestiu-lhe uma roupa de couro, cheia de laços. A coitada moça mais parecia um animal. Até desaparecer de vez das ruas. Trancafiaram-na num quarto da casa. Tempos depois fizeram-lhe o enterro.

Ernesto, o pai de Lamartine, morreu em 1951. Dizia-se “filho do imperador”. Não se lembrava mais do pai verdadeiro, Carlos Coqueiro. Se lhe perguntavam, os ex-amigos, se o imperador se chamava D. Pedro ou Napoleão, zangava-se e prometia castigo, prisões e mortes a quem lhe dirigisse a palavra.

Laura, a mãe de Lamartine, parece nunca ter sido contaminada pelo veneno dos Coqueiros. Viveu quase uma eternidade, lúcida como poucos.

Também não posso incluir no rol dos doidos o nome do outro Victor Hugo, o irmão de Lamartine. Já contei como o tornaram louco e simularam sua morte por afogamento.

Outros casos de loucura aconteceram na nossa família. Tios e primos meus, cujos nomes e cujas histórias fogem agora ao meu interesse, também tiveram comportamentos estrambóticos.

Já o ramo dos Coqueiros originado em papai não conheceu nenhuma anomalia. E, ao se unir a mamãe, parece ter depurado de vez o sangue dessa parte da família. Meus irmãos e eu somos todos sãos, quer da mente, quer do resto do corpo. Meus filhos e sobrinhos têm saúde de ferro. Pode ocorrer outra degeneração, se se casarem com pessoas provindas de famílias degeneradas. Dou-lhes conselhos: conheçam antes os antecedentes de suas futuras esposas ou de seus futuros maridos. Exijam deles exames psiquiátricos. Ou tragam à minha presença esses rapazes e essas moças. Em meia hora de conversa saberei dizer se têm algum defeito mental. Eles riem e me chamam de sábio. Falo de Freud, Jung, Adler, Rank, Ferenczi e outros estudiosos da mente. Conto-lhes histórias divertidas desses homens e também



piadinhas de doido. A do homem que pensava ser galinha sempre resulta em boas gargalhadas. Meus netos também riem e fazem mil perguntas. Um deles quis saber como aprendi tantas piadas e histórias e tantos conhecimentos. E eu lhes aponto a enciclopédia.



### **XXX – DANÇA DE PÉTALAS**

Tive um delírio, se não tiver sido sonho. Porém não tenho certeza de ter dormido. Talvez haja cochilado. No sofá. Após o almoço. Como ocorre diariamente há muitos anos. Alzira gostava desse hábito meu. Se me dispunha a sair de casa logo após o almoço, ela estranhava: “E o cochilinho?”

Havia bebido vinho. Quiçá tenha me excedido na dose. Há muito me afastei das bebidas. Aqui e ali provo um vinho ou vermute. Quando jovem até me embriaguei. Contudo nunca cheguei ao vício nem ao hábito.

Se não tiver sido delírio, foram divagações do ócio.

Uma rosa vermelha no chão. Em derredor dela plantinhas, tudo verde. Aproximava-me dela, cauteloso e, ao mesmo tempo, curioso. As pétalas cresciam, quase imperceptivelmente. Expandia-se a flor, e eu recuava. Temor de machucá-la. Uma voz me continha: “Não vá embora. Não tenha medo.” A voz parecia vir do interior da rosa. “Veja se consegue saltar até a corola, sem tocar as pétalas.”

Instigado pela voz, recuei para correr e saltar. “Venha logo, porque a rosa cresce sempre.” Caí entre as pétalas. O perfume excessivo me deixou sufocado. Ao mesmo tempo o vermelho se transformava em outras cores. Tonto, procurava me equilibrar e dar passos. Parecia dançar, rodopiar.

Não ouvia mais a voz. As pétalas haviam se fechado sobre mim. A rosa voltara a botão. Asfixiado, tentava escapar pelas estreitas aberturas ainda visíveis. Enfiava dedos e mãos nessas fendas. As folhas ou paredes resistiam ao meu



desespero, como se quisessem me comprimir, esmagar. Lutei, lutei, lutei, até divisar espaço menos estreito. Parecia corredor. Andei, corri. No entanto, cheguei ao mesmo lugar.

Desesperado, chorava. E de meus olhos saltavam faíscas coloridas. Luzes de infinitas cores. Como num calidoscópio. Eu me entontecia. Tudo girava à minha volta. Ou eu girava feito pião. Embalado por música frenética. Sons se sucediam como em cascata. Frenesi.

Súbito eu parava. E tudo parava. À minha frente, em vez de uma pétala, eu via um espelho e minha imagem. Ao lado, outro espelho e outra imagem de mim. Para onde me voltava eu me via. Como se nunca me voltasse e o espelho fosse sempre o mesmo. Ou como se cada movimento de me voltar correspondesse a um segmento do tempo e eu estivesse diante de mim mesmo por toda a vida. No entanto eu me sabia multiplicado, sem saber qual das imagens era ou havia sido a primeira. Onde se achava o autêntico Victor Hugo? De onde se originavam as imagens? Pois cada uma delas fazia a mesma pergunta: quem é Victor Hugo real, o de carne e osso? E cada uma das imagens dava a mesma resposta: sou eu. A voz soava em uníssono, sem ecos, como se se tratasse de uma só voz. Logo, porém, as figuras perdiam a compostura e se individualizavam. Insultavam-me. Uma gritava: “Vocês são bonecos.” Outra revidava: “Todas cópias de mim.” “O verdadeiro Victor tem um sinal no queixo”, adiantava-se uma das reproduções. E levava um dedo ao próprio queixo. “Você é um impostor. Isto em você é pintura. Em mim é natural.”

Enquanto isso, os espelhos se multiplicavam progressivamente e, com eles, as imagens de mim mesmo. Eu percebia, no entanto, serem os espelhos apenas o brilho das pétalas em infinita proliferação.

Assim pensando, dei por mim sentado na cadeira de balanço, boca seca, olhos irritados. Não fui logo matar a sede. Havia uma rosa minúscula à minha frente. Parecia uma estrela ou um pirilampo, se fosse noite. E se apagou vagarosamente, feito um anjo, um ser de outras paragens.



## XXXI - PERSONAGENS DE ROMANCES

Não sei onde Carlos Coqueiro foi buscar sua origem francesa, como aprendeu francês e, sobretudo, não sei por que contraiu a mania de ver na França e nos franceses o melhor e o mais belo. Essa doença ele a transmitiu aos filhos e netos. O mais infectado de todos terá sido o pobre Lamartine. Porém Ernesto, o pai deste, não deixou de sofrer a doença de forma mais dolorosa. Assim, deu aos filhos nomes franceses. E até eu, seu sobrinho, tive o meu quinhão da língua de Victor-Marie Hugo.

Nas memórias Lamartine traça o perfil psicológico de cada um de seus irmãos. Faz-lhes as biografias e os identifica com personagens de romances franceses.

Michel é pacífico e bondoso. Casado com Célia, de quem teve um filho. Diziam más línguas ser o menino fruto de uma aventura dela, por ser Michel estéril. Ao passar do tempo, dedicou-se ela ao vício da bebida e Michel ao vício da solidão.

O filho morreu antes dos vinte anos, numa rixa. Pouco depois Célia sucumbiu. Quatro ou cinco anos ainda se passaram, e Michel sofreu parada cardíaca.

Este enredo é a sinopse do romance *Colheita de uvas maduras*, de Jules Boffrand. Não o li, pelos motivos já expostos nestes apontamentos, porém há um exemplar dele na biblioteca de Lamartine.

Lembro-me pouco de Michel. E não conheci sua mulher. Quando fui embora de Palma, já rapaz, esse meu



primo devia contar pouco mais de dez anos de idade. Algumas vezes o via a chutar bolas na rua. E talvez nem fosse ele esse menino que me ressurgiu na memória, envolto em névoa. Talvez eu mesmo, a correr, pular, gritar. Talvez seja qualquer menino, sem nome, sem biografia, sem história.

Valentine, a mais velha das irmãs de Lamartine, fez-se professora. Altiva e às vezes arrogante. No entanto, não há nenhum grande momento em sua vida. “Seguiu sempre um caminho reto. Nada de curvas perigosas, aclives, declives, montanhas, paredões”, descreve Lamartine.

“Seria um romance de monótona leitura”, diz mais. Apesar disso, ele a compara a Virginie, personagem secundária da *História do cão de Chabanel*, novela de Alfred Monbeig.

Embora da mesma idade, eu e Valentine nunca fomos amigos. Não a conheci bem. Quando mocinhos, alimentei a idéia de namorá-la. Porém Lamartine se opôs a essa idéia. E logo minha prima se mudou de Palma. Não a revi mais.

Caroline teve vida menos quieta. Apaixonou-se por um vendedor ambulante, rapaz alto e loiro, possivelmente sulista. Dessa paixão nasceu-lhe uma filha. Escorraçada de casa pelo pai, passou a viver com a filha. O namorado desapareceu da praça. Alguns anos depois Caroline se casou com um rapaz baixo e moreno, vendedor como o outro, porém dono de loja. E de novo o amor lhe foi amargo: o marido se apaixonou por uma loira e a abandonou.

Para Lamartine, a história de Caroline é repetição da história de Louise Paray, protagonista do romance *Gritos do mundo*, de Michel de Montreuil.

Porém meu primo desconhece um capítulo da história de Caroline. Contava eu 20 anos quando me apaixonei por ela, então com 15. Paixão medonha, porém reprimida. Nunca ousei confessar a ninguém minha inquietação. Muito menos a ela. E, quando o moço loiro apareceu em Palma, eu já andava longe de Caroline.

Não vou me referir a todos os meus primos. Seria narração fútil e enfadonha. Além disso, parece-me inexistirem os romances analisados por Lamartine nesta parte das memórias, exceção feita ao de Jules Boffrand. Não li em



nenhuma página de minha enciclopédia qualquer referência aos escritores mencionados por ele. Também ainda não vi na biblioteca os tais romances, exceção feita ao de Jules Boffrand.



## XXXII - PALMA GÓTICA

As memórias de Lamartine são também um pouco de minhas memórias, embora quase nada falem de mim. Palma está descrita de ponta a ponta, e é como se eu ainda visse suas ruas, praças, casas, igrejas. Talvez tenha mudado muito. Deve ter novas ruas. As pedras do chão certamente cederam lugar ao asfalto. Os casarões e as igrejas decerto foram demolidos. Ou reformados. Imagino até prédios muito altos.

Lamartine recorda uma infinidade de pessoas. Nem sempre consigo identificá-las. Minha memória é falha. Está falha. Talvez conseguisse reavivá-la, se tivesse fotografias diante dos olhos.

Fosse eu escrever minhas memórias, pintaria as pessoas com traços bem diferentes dos esboçados por meu primo. E as histórias seriam outras. Ernesto, o pai dele, mereceria minha piedade. Victor Hugo, meu homônimo, seria apenas o poeta, o rapaz angustiado, e nunca um louco. Papai teria muitas páginas, em vez de três linhas, e ressurgiria tranquilo e bondoso, sorriso largo, em vez de invejoso e traiçoeiro.

Os palmenses de nossa infância e juventude estão também no *Romance da rosa gótica*. Não sob os mesmos nomes, é claro, mas sob as mesmas peles. Algumas histórias narradas nos cadernos estão no livro. E esta é mais uma razão para eu acreditar ser o romance obra de Lamartine.

De Rosa, a menina morta por afogamento, pouco fala meu primo. Muito me lembro dela, no entanto. Os rapazinhos todos achavam-na linda. Lamartine escrevia sonetos para ela



e se dizia apaixonado. Em resposta, Rosinha silenciava e fugia dos olhos dele. Talvez amasse outro, ou não amasse ninguém.

E agora me vem uma idéia singular: seria aquela menina a inspiradora do romancista da *Rosa gótica*? Evidentemente estou levando em conta a hipótese de ser o romance obra de Lamartine. Se não o for, não faz nenhum sentido esta idéia.

Anoto aqui os fundamentos dela:

1) há no romance uma jovem belíssima, cuja descrição me lembra aquela pobre menina de Palma;

2) a história publicada por Lamartine tem as características do romance gótico, segundo alguns correspondentes franceses de meu primo (um deles chegou a sugerir outro título para a obra: *Romance gótico da rosa*);

3) o espaço descrito no romance é duplamente gótico: a região onde vivem os personagens é a colônia romana de Narbo Martius e, no decorrer da narrativa, a região depois denominada Gótia. Além disso, as principais ações ocorrem em castelos (romance gótico).

Eustache Bouin comenta em uma de suas cartas: “Sim, os escritores medievais também conheciam o sobrenatural. Não exatamente aquele sobrenatural dos melhores autores do romance gótico. No entanto, o que se vê no *Romance da rosa gótica* é um excesso de crimes misteriosos, próximos do terror. E isto os escritores do século XIII não escreveram.”

Uma das cartas de Clément Toulet é um comentário à *Introduction à la littérature fantastique*, de Tzvetan Todorov. Há até transcrições de trechos, como este: “Ele (o fantástico) antes parece se localizar no limite de dois gêneros, o maravilhoso e o estranho, do que ser um gênero autônomo. Um dos grandes períodos da literatura fantástica, o do romance negro (*the Gothic novel*) parece confirmá-lo. Com efeito, distinguem-se geralmente, no interior do romance negro, duas tendências: a do sobrenatural explicado (do “estranho”, poderíamos dizer), tal qual aparece nos romances de Clara Reeves e de Ann Radcliffe; e o do sobrenatural aceito (ou do “maravilhoso”), que agrupa as obras de Horace Walpole, de M. G. Lewis e de Mathurin.”



Mathilde Brasseur vai mais longe em sua análise. Fala um pouco do *Asno de Ouro*, um tanto das *Metamorfoses*, passa pelo *Gargantua* e pelo *Pantagruel*, chega às *Viagens de Gulliver*, para classificar o *Romance da rosa gótica* de maravilhoso.

São inúmeras as opiniões dos franceses a respeito do romance de meu primo. Cada uma delas vai em direções diferentes. Daí ter Lamartine afirmado ser o *Romance* uma “obra aberta” e, por isso, revolucionária, uma vez escrito no séc. XIII.

Não sei como participar dessa discussão. Não sei sequer o significado de “obra aberta”, por mais que me tenha valido de dicionários e de minha enciclopédia. Ouso, porém, dar um palpite: o livro poderia se intitular *Rosa de Palma*. Ou, se preferisse título mais comprido: *História da menina Rosa, na qual se trata de sua grande formosura*, etc.



### XXXIII - PROJETOS LITERÁRIOS

Andei fazendo projetos, agora mais voltados para mim mesmo. Um deles: escrever ao editor do *Romance*. Talvez não saiba ainda do falecimento de Lamartine. Os jornais não noticiaram o fato. Porém não pretendo falar disso. Tenho comigo um tesouro: as cartas e as memórias de meu primo. Poderei fazer os prefácios. Não, não sou famoso, nunca escrevi nada e nem saberei escrever. Melhor falar com o professor José Anderson.

Conversei com meus filhos. Primeiro com Augusto. Permaneceu calado durante todo o tempo de minha fala. “Você não acha isto uma idéia maravilhosa!” Fez um gesto com os olhos, a boca, um gesto de aprovação ou de desdém. “Fale, meu filho.” Pediu-me para conversar com seus irmãos. “Não entendo disso, não sou de ler”.

Tudo fiz para conversar por último com Alexandre, Júlio César e Catarina. Eles não concordariam comigo. No entanto, Júlio e Isabel me procuraram antes. Já sabiam de meu projeto. E achavam uma tolice a idéia da carta ao editor. Não iria jogar dinheiro fora. Quem se interessaria pelas cartas de um velho maluco?

No dia seguinte fui procurado por Frederico, Diana, Vitória, Elizabete e Sócrates. Vieram furiosos. Eu precisava ser internado imediatamente num manicômio. Tentei reagir, ser pai, autoridade. Ameacei surrá-los. Riram de mim. Quando se retiraram, chorei. Não me respeitavam, tratavam-me como demente. E então chegaram Alexandre e Catarina. Tive



ímpetos de expulsá-los. Não me ofenderam, no entanto. Ele falou do perigo de publicar cartas de outros. Inventou mil possibilidades de processos judiciais. Catarina concordava com o irmão a me amedrontar.

Arrependido de ter confiado o plano a meus filhos, passei um dia inteiro deitado, só pensando. De vez em quando cochilava. E sonhava pequenos sonhos. Tudo fazia para não pensá-los, e me apegava de novo à idéia de publicar as cartas. Súbito nasceu-me outro projeto: o de publicar estes apontamentos. Não tudo. Devo retirar os trechos onde me refiro a Alzira e nossos filhos, bem como os relatos de sonhos. E acrescentar mais trechos das cartas e das memórias de Lamartine. Assim, publico estas, porém inseridas num texto de minha autoria. E dará um livro volumoso e interessante. Resta inventar um bom título. Talvez o professor Anderson possa me ajudar nisso.

De rumação em rumação cheguei a outros pensamentos mais absurdos. Como o de duvidar da existência de Lamartine. Sim, se Lamartine não tiver existido, nada de minha vida agora faz sentido. Pois, nesse caso, as cartas e os cadernos mencionados ao longo destes meus apontamentos também não foram escritos. Ou o foram, porém por outra pessoa. E se todas as informações constantes deste caderno forem invenção minha? Se não existir o *Romance da rosa gótica*? Se não existirem Clément Toulet, Simone Jabés, Eustache Bouin e todos os outros personagens citados aqui? Se a biblioteca de obras raras e valiosas não passar de miragem? Então estarei louco? Não, talvez eu seja apenas um homem passado, fora do tempo, gótico. Ou serei uma criatura perigosa? Oh, meus filhos, não me incriminem, não me queiram mal. Se é que vocês existem mesmo.

E vocês, meus leitores, também não me desprezem por isso. Se é que vocês também existirão.

**F I M**



## BIBLIOGRAFIA

### 1. Obras do autor

*Itinerário* - contos; 1ª ed. - 1974, 2ª ed. - 1990; João Scortecci Editora; São Paulo.

*Tempos de mula preta* - contos; 1981; Secretaria da Cultura do Ceará.

*A guerra da donzela* - novela, 1ª ed. - 1982, 2ª ed. - 1984, 3ª ed. - 1985; Ed. Mercado Aberto; Porto Alegre, RS.

*Punhalzinho cravado de ódio* - contos; 1986; - Secretaria da Cultura do Ceará.

*Estaca zero* - romance; 1987; Edicon; São Paulo.

*Os guerreiros de Monte-Mor* - romance; 1988; Ed. Contexto; São Paulo.

*O cabra que virou bode* - romance; 1ª ed. - 1991, 2ª ed. - 1992, 3ª ed. - 1995; Ed. Atual; São Paulo.

*As insolentes patas do cão* - contos; 1991; João Scortecci Editora; São Paulo.

*Os varões de Palma* - romance; 1994; Ed. Códice; Brasília.

*Navegador* - poemas; 1996; Ed. Códice; Brasília.

### 2. Sobre o Autor (estudos e referências)

AZEVEDO, Sânzio de. "Os contos de Nilto Maciel". *Novos ensaios de literatura cearense*, Casa de José de Alencar e Universidade Federal do Ceará, 1992.

— . *Literatura Cearense*, Academia Cearense de Letras, Fortaleza, 1976.

CARVALHO, Francisco. "As insolentes patas do cão". *Textos & contextos*, Casa de José de Alencar, UFC, Fortaleza, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira*, 4ª edição, rev. e ampl., EDUSP, Editora da Universidade de São Paulo, 1995.



- COUTINHO, Afrânio (e outros). *Enciclopédia de literatura brasileira*, Fundação de Assistência ao Estudante, Rio de Janeiro, 1990.
- . *A Literatura no Brasil*, 3ª edição, revista e atualizada, José Olympio Editora e Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1986.
- FISCHER, Luis Augusto. “A guerra da donzela”. Série Novelas, Guia do Professor, Ed. Mercado Aberto, Porto Alegre, RS, s/d.
- GOMES, Danilo. “Nilto Maciel, voz cearense do conto novo”. *Escritores brasileiros ao vivo* - Vol. 2, Ed. Comunicação - INL-MEC, 1980.
- GIRÃO, Raimundo (e Maria da Conceição Sousa). *Dicionário da literatura cearense*, Imprensa Oficial do Ceará, 1987.
- MACEDO, Dimas. “Uma novela de Nilto Maciel”. *Leitura e Conjuntura*, Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, Fortaleza, 1984.
- . “Contos picarescos e alegóricos”. *Punbalzinho cravado de ódio*. SCD, 1986.
- . “Estaca Zero”. *Ossos do Ofício*. Editora Oficina. Fortaleza, 1992.
- MONTEIRO, José Lemos. “Prefácio”. *A guerra da donzela*, Porto Alegre, Ed. Mercado Aberto, 1982.
- NASCIMENTO, F.S. “A ficção de Nilto Maciel”. *Apologia de Augusto dos Anjos e outros estudos*. Universidade Federal do Ceará, 1990.
- PINTO, José Alcides. “Tempos de mula preta”. *Política da arte*, Fortaleza, 1981.
- VALADARES, Napoleão. *Dicionário de Escritores de Brasília*, André Quicé-Editor, Brasília, 1994.



## O AUTOR

Nilto Maciel nasceu em Baturité, Ceará, aos 30 de janeiro de 1945. Filho de Luiz Maciel Filho e de Francisca Alves Maciel. Estudos primários no Grupo Escolar Monsenhor Manoel Cândido. Em 58 mudou-se para Fortaleza, voltando no ano seguinte à cidade natal. Retornou à capital em 60, onde concluiu o curso ginásial. Em 64 publicou o primeiro poema num jornal. Em 70 ingressou na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará. Em 73 publicou o primeiro livro. Dois anos depois criou o jornal literário *Intercâmbio*. Sua dedicação à literatura e ao trabalho fê-lo descuidar-se dos estudos, tendo concluído o curso superior em 76. Nesse ano criou, em parceria com outros escritores, a revista *O Saco Cultural*. No ano seguinte mudou-se para Brasília, onde trabalhou na Câmara dos Deputados e no Supremo Tribunal Federal. É funcionário do Tribunal de Justiça do Distrito Federal.

Desde 1990 edita a revista *Literatura*. Ganhou alguns prêmios importantes, como o "Brasília de Literatura", em 1990, pelo romance *A última noite de Helena*, ainda inédito, e o "Graciliano Ramos", em 1993, pelo romance *Os Luzeiros do Mundo*, também inédito. Tem poemas e contos publicados no México, na Argentina, nos Estados Unidos, na Espanha e na França. Na revista *Fonte*, em esperando, saiu seu conto "Fajro kaj lumo". Organizou as antologias *Queda de Braço*, contos, 1977, juntamente com Glauco Mattoso; *Grito, Logo Existo*, poesia-protesto, 1992, e *Alma Gentil, Novos Sonetos de Amor*, 1994. Parte de seus poemas apareceu em jornais, antologias e coletâneas resultantes de concursos.

*Navegador* é seu primeiro livro de poemas.

Francisco Carvalho, um dos mais importantes poetas brasileiros contemporâneos, no livro *Textos & Contextos*, dedica um estudo à obra de Nilto Maciel e dele reproduzimos estas linhas: "Nilto Maciel é atualmente, sem nenhum favor, um dos nomes mais representativos da moderna literatura brasileira. Autor de vários livros de ficção, tem praticado, com igual sucesso, o conto, a novela, o romance e a poesia, revelando a extraordinária versatilidade do seu talento criador." (...) "Nilto Maciel é um narrador admirável. Possui todas aquelas virtudes (talento, imaginação, invenção, técnica de narrar e de expor) que de modo algum podem faltar a um bom contador de histórias (ou estórias, se quiserem). O tecido de sua ficção é um complexo engenhoso de conteúdos essenciais. Nunca será demais louvar-lhe a extrema habilidade em conduzir a fabulação das narrativas e o desenvolvimento harmonioso das situações ficcionais, muitas vezes transportadas ao plano do chamado realismo fantástico." (...) "Grande parte do fascínio da escritura ficcional de Nilto Maciel decorre justamente dessa picardia inerente à índole do brasileiro, dessa inarredável sedução de nossa gente pela irreverência e pela malícia. Alguns dos recursos simbólicos empregados nessas narrativas terão, provavelmente, alguma relação de parentesco estético com certas soluções peculiares à literatura de cordel. O que não nos parece fora de propósito, haja vista que as raízes do autor são de origem nordestina, sendo lícito pensar que ele assimilou certas nuances da índole romanésca do cordel e, agora, as introduz na arquitetura de sua criação literária."





